

O que vi, senti e aprendi

Histórias da vida de um lutador



Conheci o Clarindo no clarear da década de 1970. Ele pai de militantes de “outro mundo possível” e eu responsável pelos caminhos da JOC. Dessa amizade aprendi importantes lições. Seu testemunho de vida jamais deixou qualquer dúvida ou provocou crises porque sempre transparente como água de uma boa fonte. Seus longos causos são tirados do velho “baú”, como diz o evangelho. Ao abri-lo saltam para fora vivências antigas, herdadas dos antepassados e também coisas novas que apontam para o futuro. São causos da roça, da caserna, das ruas, do sindicalismo e da sua militância. Também das pancadas que a vida lhe reservou! Quando chamado para dar a sua colaboração, sempre respondeu prontamente para somar e multiplicar, quer no sindicalismo, na sociedade civil ou na comunidade religiosa.

Pc. Nelson Tonello

O que vi, senti e aprendi

histórias da vida de um lutador



Clarindo Máximo Nespolo

O que vi, senti e aprendi
histórias da vida de um lutador

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

E-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/);

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo Autor: 09/03/2015

Fotos: Leonardo Nespolo de Paula

N462q Nespolo, Clarindo Máximo

O que vi, senti e aprendi [recurso eletrônico] : histórias da vida de um lutador / Clarindo Máximo Nespolo. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

1,1 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-266-4

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Autobiografia. 2. Trabalho rural. 3. Assistência social. I. Título.

CDU: 929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

PREFÁCIO	6
CONTEXTO HISTÓRICO E FAMILIAR	7
VOU FALAR MAIS UM POUCO DA RELIGIÃO E DA COMUNIDADE APARECIDA	20
AQUI FOI O COMEÇO DE UMA NOVA CAMINHADA, A MINHA NOVA FAMÍLIA.	38
NESTA ÉPOCA TAMBÉM COMEÇARAM AS COOPERATIVAS NA COMUNIDADE	42
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ORGANIZAÇÃO DO SINDICATO DE TRABALHADORES RURAIS	45
QUERO FALAR DA COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA DA PAZ	48
INÍCIO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA RURAL	49
SOBRE O COLÉGIO PADRE VIEIRA, BRIZOLETA, DEPOIS TOMBADA PELO PATRIMÔNIO HISTÓRICO.	52
NOSSAS PRINCIPAIS BANDEIRAS DE LUTAS POR DIREITOS AOS AGRICULTORES	53
O FAMOSO ÊXODO RURAL QUE SE AVOLUMAVA ANO A ANO	56
QUERO FALAR QUANDO COMEÇARAM AS PRIMEIRAS FAVELAS, EM PASSO FUNDO	61
QUERO CONTAR UMA CRISE DE SAÚDE QUE EU TIVE NUM PERÍODO	63
QUERO FALAR MAIS UM POUCO DA COMUNIDADE SANTA MARTA	68
EXPECTATIVAS E EMOÇÃO DA VIAGEM	74
MENSAGEM DOS NETOS (AS)	79

Contexto Histórico e Familiar

Quero aqui contar um pouco sobre a minha vida. Lembro que era um tempo bem diferente. Tudo estava começando...

Eu lembro que era lá em Caixa D'água, interior de Getúlio Vargas, um distrito chamado de Canhada Funda. Lá tínhamos diversos vizinhos: os Lombardi, o Pedro Martele, Malvina Brustolim e, mais para o fundo das terras do meu pai, tinha um alemão chamado Sr. Renato.

Com o tempo começamos a prender um pouco de tudo... devagar, tudo para nós era novidade.

Lembro ainda dos primeiros brinquedos: revolvinho de madeira, bois e cavalinhos de sabugo (do milho).

Quero apresentar a minha família: meu pai Luiz David Nespolo e minha mãe Rosalina Frandoloso Nespolo. Eu sou o filho mais velho e depois de mim teve a Aurora, o Narcício, a Mercedes, a Lourdes, a Salete, a Nair, a Teresinha, a Elsa, a Marilene e a Fátima (*in memoriam*) que vão caminhar comigo nestas memórias de vida.

A Aurora fazia bonecas de espigas de milho verde e tinha até batizados, aí nos convidávamos nossos amiguinhos do Lombardi e do Martele (que não era pouco), deixo de dizer os seus nomes porque eram muitos que até me perco lembrando.

Em casa tínhamos tarefas: tratar as galinhas, juntar os ovos, varrer o pátio, cuidar da água para os animais mais miúdos: galinhas e pintos, gatos, cachorros.

Lembro-me que com 5 anos de idade eu já me animava a ir no moinho que ficava a uns 2 quilômetros. Ia montado num burro velho que meu pai tinha.

A partir destas idas ao moinho eu despertei para outras tarefas. Fui assumindo tarefas mais importantes, lembro que o meu pai se preocupava e me dizia: "Você é muito novo para fazer isso".

Nesta época, durante a segunda guerra mundial, tudo era muito difícil para os nossos pais! Era difícil ter as coisas em casa, lembro-me que houve um momento que faltou querosene para nossos lampiões. Tudo era importado de outros países: o aço vinha para fazer as enxadas, as foices, os machados, os serrotes, as facas usadas para carpir a terra e outros afazeres... Tudo dependia do estrangeiro.

Nós, muitas vezes, utilizávamos banha de porco ou graxa de gado para acender os lampiões, ainda não havia luz elétrica, ou quando tinham era muito cara.

Assim era a vida naquela época!

Minha mãe fazia uma quitanda de ovos, queijos e até galinha. Ela colocava tudo numa cesta de trança, que ela mesma fazia com a palhada do trigo (esporta) e me mandava vender para comprar as coisas de casa: café, açúcar, coloral, fósforo, agulha para remendar as roupas.

Eu tinha uma roupa de uso diário que não distinguia a cor de tantos remendos.

Lembro que aprendi com minha mãe as letras e também aprendi a soletrá-las, isso na roça na hora do descanso. Eu limpava um pouco o chão, tipo emparelhar a terra e fazia as letras e pedia para a mãe o nome dela. Fui decorando o ABC e fui juntando as mesmas e pedia para a minha mãe o “S” com “A”, ela dizia “SA”, “S” com “I” “SI”, “S” com “U” “SU” e assim por diante.

Eu entrei no grupo escolar de Caixa D' água, a professora era a dona Avetica Rota, lembro que ela fez um teste e disse para minha mãe que iria me por no 2º ano porque eu já sabia a matéria do 1º ano.

Eu ia para o colégio usando tamancos de madeira e no inverno a geada era grande e grudava nos tamancos. Para economizar tirava dos pés e carregava-os nas mãos até o colégio, era assim com a maioria das crianças que iam para o colégio. O material que nós mais usávamos na escola era a régua e a tabuada, escrevia em um pequeno quadro preto (a pedra) com uns lápis especiais para a mesma. À noite em casa fazia

os temas e no outro dia a professora corrigia e só depois passava para o caderno.

Fiz catequese para a primeira comunhão, também foi tarefa de minha mãe, já nos primeiros anos de vida, ela ensinava as orações baseadas na história da Sagrada Família e no livro de catequese que orientava na fé e no amor de Deus. Isso foi muito importante para a minha vida e da minha família até hoje.

Trabalhávamos muito, estudava, mas ainda sobrava um tempinho para as brincadeiras junto com os irmãos e os amigos como gata cega, esconde-esconde, ovo-choco, bobinho, balanço, gangorra e muitas outras.

Nem tudo era brincadeira e o dia a dia era de muito trabalho: varrer o pátio, buscar pasto com a zorra, essa por ser um instrumento puxado com um burro, servia para o serviço da roça e também era um instrumento de brincadeiras. Reunia-nos a molecada pegava o burro e atrelava na zorra e embarcávamos 4 ou 5 guris ou gurias, era só risada, sim porque o burro dava umas puxadas mais fortes e a gente caía da zorra (zorra para quem não sabe é uma forcada com uma plancha em cima e duas tabuas dos lados).

Tudo isto era diversão na época dos 8 anos de idade. A idade foi avançando e as tarefas aumentando. Com 10 anos eu assumi parte da roça: lavar a terra com os bois, plantar milho, mandioca, feijão, trigo, etc. Isso não foi forçado pelos pais, tudo era voluntário e fazia com muito prazer e amor. Lembro que neste período acabou a Guerra Mundial. E, com o fim da guerra, tudo foi mudando.

Começou a aparecer os primeiros rádios, que os soldados trouxeram da Itália quando voltavam da guerra. Também apareceram os primeiro Jipes, antes tinham os “Ford bigode”, que eram os primeiros carros de passeio.

Voltou a ter muitas coisas que antes estavam faltando. Com a falta de gasolina os primeiros caminhões eram movidos a fogo, ventilador era tocado de forma manual (a muque).

Lembro ainda que tínhamos muitos problemas de bicho de pé, esse foi um dos motivos que levou meus pais a venderem a terra e irmos morar em outro local. Os bichos atacavam os animais, mas também as pessoas. Eu sei que o meu pai até mudou as casas de lugar, mais próximo do rio e mesmo assim não adiantou. Tinha tanto bicho de pé que quando chovia muito e umedecia a terra, os danados invadiam a casa e ninguém conseguia ficar dentro dela. Tinha que pegar os foros de cama e ir dormir em algum galpão mais afastado das casas.

E, neste período meu pai tinha muitos porcos, acima de 100 cabeças, dava muito trabalho para atender e curar os animais destas pragas.

Em certa oportunidade meu pai foi para Chapecó, Santa Catarina, visitar seus dois irmãos, o João e o Antônio. Com as economias que tinha comprou duas colônias de terra, deu entrada e o restante com o prazo de seis meses. Esse tempo era o que meu pai necessitava para engordar 40 porcos e pagaria a tal terra. Feito o negócio meu pai voltou e os porcos tiveram uma doença terrível. Em menos de um mês morreram todos os porcos. Só restaram uma porca e um cachaço. Lembro que em alguns dias eu carreguei aproximadamente 20 porcos mortos.

Com isso o meu pai não teve alternativa, teve que ir Chapecó desfazer o negócio da terra. Passado mais um tempo, eu já com 12 anos junto com a Aurora, minha irmã, fizemos a primeira comunhão, também marcou muito este momento. Naquela época era muito diferente de hoje.

A gente vivia bem! A comunidade de Caixa D'água era perto da casa dos avós Nespolo, pais do meu pai. Eles foram muito importantes para a minha formação. Meu avô Maximiliano foi um bom exemplo para a minha formação.

Com o passar do tempo meus pais tomaram novas decisões e um dia meu pai foi até Butiá, hoje distrito do município de Sertão, lá encontrou uma boa área de terra e após a venda de nossa terra em Caixa D'água (o que não demorou muito, pois apareceu um senhor chamado de Alfredo Frandoloso que comprou a terra) nos organizamos para a nova morada no Butiá ainda no mês de junho de 1947.

Eu me lembro, já com 12 anos, carregava com minha mãe a carroça com os móveis que tínhamos os quais não eram muitos: camas, armários, fogões, panelas, roupas e ferramentas diversas. Meu pai tinha ido no dia anterior com uma carroça de bois com os mantimentos e os animais, porcos e galinhas. Eu me lembro de que atrelei 4 mulas na carroça que estava carregada com a mudança, partimos de manhã bem cedinho. Na saída de casa, ainda, quase nos acidentamos. Na passagem dos trilhos do trem, em Volta Grande, uma das mulas enroscou o casco no vão dos trilhos e não conseguia tirá-los, o tempo ia passando e o trem apitou em uma das passagens, tinha de um a dois Quilômetros de distância. O desespero tomou conta de minha mãe que tinha junto com ela quatro filhos mais novos do que eu. E eu não sabia se soltava as mulas ou se lidava para tirar a pata da mula do buraco. Lembro-me que minha mãe rezava alto e fazia promessas. Enquanto isso o trem chegava cada vez mais perto. Quando o trem apitou ao se aproximar do nosso cruzamento, um milagre aconteceu, no instinto de defesa animal a mula fez um esforço e se libertou dos trilhos que a prendiam, retirando a carroça dos trilhos. Lembro que o trem passou fazendo vento na gente, e lembro-me da alegria de minha mãe. Para mim aconteceu um milagre de fato. Minha mãe era muito devota de Nossa Senhora Aparecida.

E a mudança seguiu viagem porque até aí nós só tínhamos feito 4 Km dos 21 Km que tínhamos para chegar a nossa nova casa no Butiá. Lá pelo meio dia nós estávamos no meio do caminho, paramos em uma sombra próxima a um olho d'água. Minha mãe havia feito uns bifés afarofados e nos deu com um pouco de pão e um pouco de suco de laranja.

Eu retirei as mulas da carroça, dei água e deixei que elas pastassem no campo enquanto a gente comia. Em pouco tempo retomamos a viagem no caminho de Sertão, rumo a Butiá. A viagem não rendia muito, nós levávamos junto uma vaca e um terneiro, os dois amarrados atrás da carroça.

Próximo a comunidade de São Pedro em Sertão. Em uma descida muito forte as mulas trotearam e não é que o terneiro, cansado da viagem tropeçou e caiu e eu e minha mãe não vimos. Terminado a

descida a carroça pesou e eu notei que tinha alguma coisa errada, pois era eu que guiava as parelhas de mulas. Parei a carroça e fui conferir, o terneiro estava caído. Então pude ver que o mesmo veio de arrasto e pelou o couro das costelas. Tive que arrumar um lugar e colocá-lo dentro da carroça.

À tardinha chegamos à nova morada. Nosso pai estava ansioso esperando. Já havia acomodado os bichinhos que havia trazido. Éramos só alegria! Eu ainda ajudei o meu pai a descarregar as coisas da carroça e arrumar a casa. Era a nossa primeira noite na mesma. A minha mãe fez sopa de carne de galinha, com arroz, polenta e radite. Comemos e cansados dormimos...

O meu pai madrugava. Levantava às 5 horas da manhã e para surpresa dele viu em cima da mesa a polenta que havia sobrado da janta, estava toda esfarelada pelas baratas. A Janela tinha ficado semiaberta, estava cheio de baratas mortas. A gente não conhecia baratas. Meu pai e minha mãe ficaram indignados.

Minha mãe entrou em desespero. Não era só barata que tinha na casa. Durante a noite ela percebeu que as crianças se debateram e minha mãe foi conferir, eram percevejos que picavam as crianças.

Minha mãe foi conversar com os vizinhos mais próximos, seu Dário e sua esposa Dileta e mais aos fundos, o seu Ângelo Martins e a Dona Maria e mais acima o seu Alcindo Gonçalves de Souza. Todos afirmaram que os antigos donos não tinham relações com os vizinhos e que a higiene era precária.

No desespero minha mãe fazia promessa para todos os santos. Não demorou muito veio uma onda de formigas, conhecidas como de correição e nós tivemos que nos mudar para um galpão nos fundos da terra. As formigas limpavam a nossa casa. Não sobraram baratas e nem percevejos. Não tenho dúvidas, para mim foi o segundo milagre que aconteceu em nossas vidas.

Nossa família morou mais de 50 anos no mesmo local e nunca mais vimos baratas e nem percevejos na casa. Foi um alívio para nós e

para meus pais. Parecia as pragas do Egito, bicho de pé, baratas e percevejos...A minha mãe estava de bem com os santos e agradecia muito a Deus!

Tudo era novo, os vizinhos, as paisagens, o jeito de tocar a vida. A gente morava no meio dos Italianos e de repente nos vimos em meio aos caboclos. A maioria dos moradores era de negros. Os costumes eram um pouco diferentes dos nossos. Mas com o tempo nos entrosamos com os caboclos, mas com os negros foi mais difícil, eles tinham seus costumes próprios. Nossa família se dava bem com todos os vizinhos.

No nosso tempo não havia televisão. Nós fazíamos filó, encontros à noite na casa dos vizinhos. Italianos, caboclos e negros se encontravam nos mutirões dos vizinhos, trabalho coletivo em que participava toda a família, para roçar o mato, plantar a terra ou fazer a colheita, pois não havia máquina. A família que chamava os vizinhos matava um boi ou um porco para todos comerem.

Era bonito de ver aquela gente toda trabalhando, brincando e dando muitas risadas. Havia ainda o hábito de beber pinga (cachaça). O Mutirão acontecia principalmente quando algum familiar ficava doente, para não atrasar a safra. Também faziam mutirão para construir casas e construir a igreja. Depois de algum tempo veio para a região os Antonioli, os Pierri, os Ceconello, dentre outros. Esses vizinhos decidiram construir uma capela católica.

O tempo ia passando e meu pai trabalhava na roça, mas também era carpinteiro. Ele era sempre chamado para construir casas para os vizinhos e para outros moradores de outras comunidades. Eu com meus irmãos fomos assumindo a lavoura. Lembro que tinha muito mato.

Dos meus 15 a 16 anos lembro que foram feitos vários mutirões para construir a comunidade. Próximo de onde vivíamos tinha a capela de Nossa Senhora Aparecida que foi queimada. Só foi salvo a santa e um báu com doações de véus, de vestidos e de grinaldas de noivas e muitas fitas.

Era costume doar para a santa esses objetos. Diziam que se alguém queria arrumar um dinheiro deveria matar um boi e fazer uma festa. Dando uma lembrança para a santa. E foram feitos esses mutirões para construir a capela para a santa. O senhor Antonelli doou um pedaço de terra, perto de um cemitério que até então estava abandonado em meio do mato. Nesse mato, conta a história, haviam foragidos de guerra.

No mutirão cada um participava como podia. Alguns doavam a frente, outros os lados e outros os fundos. Com a capela pronta eu e o Antonioli fomos buscar a santa lá no Engenho D'água na casa do Sr. Souza. E lembro-me que foi marcado também o dia da festa de inauguração da capela.

Foi uma festa muito grande. Na época não tinha muitas igrejas naqueles lados de Butiá. Veio gente a cavalo, de carroça, a pé e de caminhão. O Dalsasso tinha um caminhão Chevrolet no Butiá e trazia cheio de caboclos. Nós carneamos muitos animais, bois, ovelhas, porcos, galinhas e garantimos também bebidas, vinhos vendidos em copos. Nessas festas também tinham muitas bolachas, cucas e muitas bananas. Essa fruta vinha de longe e era muito apreciada. Muitas pessoas compravam, pois era difícil de encontrar.

Sobre caçadas e pescarias, tinham muito nesta época. Tinha muita paca, cutia, veados, pombas de todas as espécies, papagaios, nambus de todos os tipos e muitos outros, como jaguatiricas, gatos do mato, mão pelada, guará e tamanduás. Eram animais de pelo e de penas.

A gente estava indo bem! Ainda quando eu tinha 15 anos, eu e meu pai fomos buscar um forro de pinho para forrar a casa. Tiramos a caixa da carroça para dar espaço para colocar o dito forro e poder passar na picada, que tinha logo acima da casa em que morávamos. Durante esse trajeto vimos uma cobra de aproximadamente 6 metros de comprimento, da grossura de um cano de fogão. A função de meu pai era ser o carroceiro e eu cuidava do breque. O meu pai segurou os burros à direita da estrada e só não usou os meios de quebrar a tal cobra porque ficou com medo de que ela o pegasse, senão ele puxava os burros à

esquerda e a roda traseira passaria por cima dela e quebraria a espinha da mesma, ela sumiu no mato e ninguém mais a viu.

Com meus 17 anos de idade comecei a trabalhar em jornada dupla. Durante o dia eu e meus irmãos trabalhávamos na roça, e de noite eu com o luar pegava os bois atrelava na carroça e ia pro mato tirar lenha. Essa lenha era chamada “lenha de metro”. A gente cortava a noite e deixava na beira da estrada para os caminhões levarem até o depósito na beira dos trilhos para ser queimada no trem “Maria Fumaça”, principal meio de transporte da época.

Sempre que tinha uma folga na lavoura eu ia para o mato puxar lenha ou fazer uma roça para mim. Foi com essas roças que eu consegui dinheiro para comprar uma Bíblia Católica. Naquela época a igreja católica não adotava a Bíblia e sim a “História Sagrada”.

Eu mandava consertar os meus sapatos em uma sapataria na estação. Lá tinha dois irmãos que eram sapateiros e da religião mórmon. Eles eram muito chatos, eles pregavam a bíblia e queriam que eu os acompanhasse na religião deles. Diziam eles: “você católicos não dão importância para a bíblia”.

Assim que o milho cresceu e ficou seco, recolhi, debulhei e vendi. No total foram 12 sacas, vendi por três mil reis e sessenta centavos e assim comprei minha primeira bíblia. Mandei vir de São Paulo. Ao começar a ler a bíblia eu me perturbava ainda mais. Eu não tinha ideia do que era capítulo e nem versículo. Eu lia todas as noites, quando terminei de ler os setenta e dois livros eu estava mais confuso com o que eu lia.

Com o tempo fiz curso bíblico, com o Pe. Nelson Tonello, mais isso foi há muito tempo. Atualmente, tive a oportunidade de fazer o caminho da Terra Santa, Fátima e Assis, na companhia de minha filha e genro e de um grupo de Passo Fundo, viagem essa que nem em sonhos imaginava fazer.

Eu acredito que aqueles irmãos mórmons me fizeram assumir melhor a religião católica.

Eu já completava 18 anos trabalhando muito, assumindo compromissos da casa e também na comunidade. Eu comparecia. Meu pai era carpinteiro e pouco parava em casa. Só vinha nos fins de semana.

Nosso lugar tinha muito mato. E levava o nome de Butiá porque de fato tinha muitos Butiás e muito campo. Para se ter uma ideia começava na costa do Rio do Tigre e vinha até Passo Fundo e seguia para Porto Alegre, Santa Maria, São Borja, Vacaria, Lagoa Vermelha e muito mais. Criava-se muito gado e ovelhas. Hoje eu analiso que com a monocultura o homem destruiu parte da natureza, o que eu conheci anos atrás praticamente não existe mais. Aqui não repare fiz um desabafo.

Com 18 anos e cheio de planos, porque com essa idade tudo é fácil. Não existe cansaço, nada dói (hoje já é diferente, doem as pernas, as costas...) e eram só aventuras! Mas com muito amor e coragem de fazer, aprendia e me virava. Tudo o que sei, aprendi com os meus avós paternos e com os meus pais.

Eu jogava muita carta com meu avô e ele me ensinava a jogar, mas também ensinava o valor da honestidade, do cuidado com o corpo para não se perder e adoecer. Também aprendi com meus avôs o valor da união em família, para trabalhar de forma organizada, juntos e ainda a cultivar a fé, a esperança e a persistência nos projetos de vida e da comunidade. O valor da oração para a vida pessoal e comunitária. Oração e organização.

Quero contar um fato da família de minha mãe:

Lá pelo ano de 1939, um jovem agricultor do interior de Estação Getúlio Vargas resolveu ser trabalhador urbano. Ele era um jovem bem representado, filho de Cisto Frandaloso, o filho mais velho da família, que se chamava Narciso e era irmão da minha mãe e, portanto, meu tio.

Ele foi se empregar numa loja de secos e molhados da época, era aquele lugar onde se vendia de tudo e se comprava de tudo, este meu tio assumiu o depósito de entregar, recebia que era um depósito separado da loja. Na loja trabalhava a dona que era viúva. Era conhecida como viúva Picollo, ela tinha duas filhas que trabalhavam na loja, tudo ia indo

muito bem e um dia a viúva convidou o tio Narciso para fazer parte de um número de loteria.

E assim fizeram a dona da loja e as duas filhas e o tio, compraram o número inteiro, já fazia algum tempo que jogavam juntos. Passando um tempo este meu tio namorou uma menina e casou-se com a mesma. Ela era da vila, eu não sei o motivo que ele tomou uma decisão de não mais participar do tal número de loteria, mas quando chegou o cambista que vendia a tal loteria, o mesmo não queria mais jogar o número. Estava no mercado discutindo com o cambista, quando apareceu sua patroa, a viúva Picolli e perguntou o que estava acontecendo. O cambista disse para ela que o Narciso não queria mais jogar a sua parte, e a viúva disse: “eu jogo pra ti” e ele respondeu: “se a senhora pagar, eu não sou mais seu empregado”.

A viúva teve que tomar uma decisão, o cambista tinha de receber, disse então que pagava e passou para as filhas. À noitinha ficaram sabendo que o número que eles jogaram deu no primeiro prêmio.

Este meu tio tomou uma decisão. Disse para a patroa que ia embora do lugar e não teve o que o segurasse, ele acertou as contas e disse para sua mulher: “Vamos embora daqui” e ela apavorada perguntou para onde iriam, e ele respondeu: “Vamos atirar o chapéu para cima e aonde o vento levar o chapéu nós vamos”. Venderam as coisas, fizeram uma trouxa de viagem, seguiram rumo à Tenente Portela, que naquela época tudo era muito difícil, transporte, etc.

Pegaram a tal linha, que são os ônibus de hoje, e foram até Iraí e depois a pé até o destino, eles caminharam dois dias, ainda que habitado, daí em diante não tinha mais morador. A partir dali eles tiveram que arranjar semente para ter como começar a sobreviver. Assim fizeram e tiveram de carregar um peso maior que aquelas trouxas principais e foice, machado, um trabuco para se defender, e para a sobrevivência.

Caminharam mais três dias mata adentro sem destino e no 3º dia o tio disse para a companheira, que era uma polaquinha: “Aqui vai ser nossa morada!”. Só tinha mato, bicharadas, largaram a trouxa e começaram a reunir madeiras para fazer uma casinha de pau-a-pique,

coberta de capim. E começaram fazendo roçado para fazer lavoura, não foi muito tempo eles já tinham um bom roçado. Assim que começou o tempo da lavoura, ele era filho de agricultor, com isto não foi difícil para ele trabalhar na agricultura.

Os anos foram passando, os filhos do casal vieram, passados 18 anos o governo mandou medir terras do município de Tenente Portela, para ser vendido para os colonos da época. Somente com a medição o seu filho mais velho teve contato com outras pessoas que não fossem os pais.

O filho mais velho já tinha 17 anos de idade, o responsável pela medição das terras comunicou que havia uma família no lugar há muito tempo, o governo da época mandou que medissem a quantidade de terras que ele e a família precisassem, e foi feito. O tio ficou na época com bastante terras, em seguida os colonos tomaram posse das terras. O meu tio deu um salto nos negócios, era o único que já tinha um bom começo de tudo, nesse meio de tempos em tempos ele voltava para trás de onde tinha vindo, ele foi marcando o terreno com a sua marca.

Nas cascas das árvores mais importantes pinheiros milenares, ele fazia a sua marca. Com isto ele se guiava para as idas e vindas. O que ele vinha fazer? Ele vinha aos poucos adquirindo muitas coisas, como casazinho de leitões, de frango, até uma novilha coberta. Ele comprou de um colono no caminho um pequeno alambique e pôs na garupa da égua e o levou andar junto dele, aonde ele fosse os porcos iam atrás.

Ele ia criando os porcos, com o tempo ele voltava atrás aonde tinha comércio e vendia os mesmos. Foi assim que ele construiu um bom patrimônio, com a colonização do local ele já estava bem estabelecido, só foi bem, montou uma fábrica de aguardente, que foi um sucesso. A família cresceu, ele vendeu as terras e pôs uma grande garagem de caminhões em São Borja, com isto arrumou o dinheiro que não ganhou na loteria.

Como vocês leram a história do meu tio Narciso, cada um de vocês tem uma história na sua família, mas eu fiz questão de escrever esta porque ela foi acompanhada de muita coragem, de muito amor, e se

isto não tivesse acontecido, com certeza não durava tanto tempo. Assim deu para criar os filhos, encaminhá-los para a vida. Para quem conheceu o tio Narciso e acompanhou a trajetória do mesmo, ficou sabendo um pouco mais desta história, eu era muito jovem quando a minha mãe me contou que seu irmão mais velho, Narciso, por não ter tido a sorte no jogo, tomou uma decisão de ir para longe, e não dar mais notícias. Só quando foi descoberto pelos que mediram as terras da região é que ele resolveu se comunicar com a família. Isto não era desavença, ao contrário, o jovem Narciso e sua esposa queriam fazer a sua história.

Passados muitos anos, ele vinha de tempos em tempos nos visitar. Nós passávamos muitas horas escutando as aventuras que ele passou em toda sua vida, olha que não eram poucas e como sobreviveram nesta aventura. Que saudades das conversas do tio Narciso!

Vou falar mais um pouco da religião e da Comunidade Aparecida

Eu já falei que havia caboclos e negros nos arredores, mais meia dúzia de pessoas que iam à missa. Era costume participar das festas de São João, de São Jorge e do Divino Espírito Santo, festas que todos aguardavam. O pessoal do Butiá tinha muita fé no divino: São João, São Jorge, São Sebastião e também tinha muita fé em Nossa Senhora de Aparecida. São João e Divino eram muito festejados!

Na véspera do dia 24, até a meia noite o pessoal contava muitas histórias, e tinha muita comilança, pipoca, pinhão, batata doce assada e a fogueira queimava a lenha, e a meia noite começava a folia, muito foguete e até tiro de arma de fogo. A lenha queimada virava brasa, e era espalhada e o povo começava a passar sobre a brasa, descalços. Isto era feito com muita fé, o povo tirava o calçado, secava os pés e entrava na fogueira, sem ter nenhum problema com os pés. A moçada fazia muitas simpatias a respeito do namoro.

Eu me lembro de que os homens reparavam na noite de São João, se fosse uma noite estrelada, e no dia limpo era um ano de muito trigo. Todos os anos era uma família que preparava a festa. Tinha o dever de preparar um buraco, um mastro de uns seis metros para por a Pomba do Divino, colocado um pano com a Pomba, era giratória conforme o vento.

Eu me lembro de que quando nós viemos morar na comunidade, na nossa casa tinha um mastro com a Pomba do Divino. Todos os anos, nas datas, era feito todo o ritual, só sessou com a vinda dos capuchinhos, com as missões que foram feitas. Também tinham as rezadeiras, aquelas pessoas que rezavam o terço, e era contratada para tal, e eram nas casas ou no cemitério.

Também aquele povo da época chegava à igreja e entravam dizendo adeus de mão em mão. Se o padre já estivesse celebrando a missa, eles pediam licença para o padre e iam beijar os pés da Santa.

Eles não entendiam muito bem a religião, mas quando falava o nome de Deus ou de qualquer santo, eles tiravam o chapéu e erguiam as mãos para o céu. Sabe, tenho muitas saudades daquele tempo, era um tempo de gente muito sincera e honesta. E se ajudavam uns aos outros, tanto na doença quando no trabalho.

Quero fazer um pequeno comentário de um tal Vitinho. Vitinho era um homem de mais ou menos 1,50m de altura e tinha 14 filhos. E agregado do filho do Sr. Armelindo, que era patrão do Tonho. Eu quero mesmo comentar do bigode do Sr. Vitinho, é que o bigode dele media 80 cm de comprimento, ele botava o bigode para trás das orelhas e prendia na cinta.

O padre Redim resolveu fazer as Santas Missões, e foi feito. Um dia apareceu um capuchinho chamado Frei Gentil. Ele vestia o hábito com um grande terço em volta do cinto. Visitou as famílias e fez o convite para as missões e queria todos nas missões. O povo compreendeu e no dia marcado, ele apareceu montado em um burro bem aparelhado com uns pelogos na garupa e os materiais para as missões.

No dia seguinte ele celebrou a missa e convidou a todos para uma reunião de orientações gerais. Ele dividiu os grupos de homens, de mulheres, de guris e de gurias. Com cada grupo ele fez uma palestra. Era assim que a igreja trabalhava, homens separados das mulheres. Em 6 dias ele já tinha todo mundo na mão. Ele passava nas casas de uma família, na casa dos tamanhos. E, em 7 dias, fez celebrações de casamentos, batizados, eucaristia. Naquela época em Butiá casavam só no civil e não batizavam as crianças. Foram muito bonitos todos os casamentos juntos e assim foi os batizados e as eucaristias. Todos comungaram na celebração final das missões. Naquela época era muito diferente...

E era muito interessante, neste tempo os homens entravam e se colocavam no lado direito da igreja e as mulheres do lado esquerdo, e não se misturavam nem meninos e nem meninas, era de costume e levado a muito a sério de pai para filho. O padre rezava a missa em latim e de costas para o povo. E os fiéis rezavam o terço em silêncio.

Eu me lembro de que no tempo que eu fiz a primeira comunhão, era preciso se confessar, contar os pecados para o padre e ficar em jejum sem poder nem tomar água, nem por um dedo na boca. Mulheres e mocinhas tinham que colocar o véu na cabeça, véu preto e véu branco respectivamente senão não recebiam a Hóstia. E tudo era feito com muito respeito. A minha primeira comunhão foi marcante para minha vida.

Missões eram para quem (aqueles) que não fizeram a comunhão e não estivessem frequentando a igreja por algum motivo. E era uma oportunidade de se converter na religião e seguir na mesma.

Então, depois das Santas Missões, o povo ficou bem entusiasmado e iam à igreja todas as vezes que tivesse missa na comunidade. O vigário Redim, viu que na hora da santa comunhão muita gente ia comungar, ele parou e disse: pessoal quem não confessou e não tiver em jejum faz mal a comunhão.

E não é que o vizinho Tonho já tinha comungado quando lembrou que não estava em jejum, foi para casa e nisso ficou mal, pois de manhã o Tonho já tinha comido revirado de feijão. Na cabeça de Tonho, a Santa Hóstia com revirado de feijão estava fazendo mal, então mandou sua esposa (Rosinha) na casa de minha mãe. Dona Rosalinda Nespolo, minha mãe, era rezadeira, sempre que tivesse uma reza na igreja, nas casas, nos velórios, ou no cemitério, ela era chamada.

Com isso, Dona Rosinha lembrou-se da Dona Rosalinda, que ela que era entendida de rezas, deveria saber algum remédio que fosse bom para congestão de revirado de feijão com Santa Hóstia. E minha mãe disse que faria um chá de marcela, e ele ficaria bom. E o resto era bobagem, porque era o jeito do vigário Redim se expressar.

Eu me lembro do missionário Frei Gentil, na época das Santas Missões. Ele à noite gostava de jogar baralho com os homens da comunidade. Lembro que uma noite ele contou uma história do tempo em que ele juntava muito dinheiro com as vendas de terços, medalhas e outros objetos religiosos. Um dia ele mudando de uma comunidade para outra, numa picada de mato, ia montado num burro com os pescados na garupa, de repente um ladrão apareceu na frente dele e disse: “o dinheiro

ou a vida”, o Frei tirou a carteira do bolso e jogou uns 8 metros na frente. O ladrão se virou para juntar a carteira e o Frei puxou o revólver da cinta e deu um tiro nas costas do ladrão que caiu e o Frei pegou sua carteira e seguiu viagem. Lembro que o Frei usou a seguinte frase: “sabe, eu tinha muita fé em Santo Antônio, mas mais ainda, no “santotoninho” e puxou o hábito e apareceu o revólver na cinta. Ele disse, “esse é santotoninho, de cabeça para baixo” e deu uma baita risada.

Eu quero comentar como nasceu a nossa comunidade. Ainda no ano de 1954 reuniram-se um grupo de homens: o Sr. Luis Nespolo (meu pai), Luis Antonioli, Nelsinho Dário Tamanha, Cindo Bento, Carlos Sousa, Cláudio Ceconello e Amadeu Pieri. Começou que o Sr. Luis Antonioli deu um pedaço de terra para construir a tal capela, e o Luis Nespolo (meu pai) doou um dinheiro muito grande que deu toda a madeira da capela, e todos se prontificaram a doar seu trabalho. Sei que em pouco tempo a turma estava roçando o terreno, limpando o mesmo, derrubaram o pinheiro que tinha 1,20m de grossura e de 3 torres, e com três junta de bois arrastaram num ponto para carregá-la num carretão de 4 rodas, e o levaram no engenho d’água que tinha ali próximo, foi desmanchado em madeira, deu todas as bitolas para a capela ser construída. O Sr Cindo Bento doou um pinheirão para fazer as tabuinhas para cobrir a mesma. É que na época não havia telhas de barro. E de novo os homens combinaram para a derrubada do tal pinheiro. Derrubaram um pinheiro de 1,20m de grossura para fazer as tabuinhas para cobrir a capela, foi no dia que Getúlio Vargas se suicidou.

Lembro que tinha um radinho de pilha e de repente nota fúnebre. O anúncio que o Getúlio Vargas tinha se suicidado, e com isto, lembro que os homens pegaram suas ferramentas e fomos todos para casa e ninguém mais trabalhou naquele dia, acompanhando todos os acontecimentos do Rio de Janeiro.

A capela foi feita. Eu e o Adroaldo fomos buscar uma imagem da Santa lá no Engenho d’água na casa do Sr. Antonio Baldo de Sousa. Eu lembro que no lado da capela tinha um cemitério muito antigo, tinha jazigos de 1800 e eram muitos jazigos, todos mal alinhados, um de frente pra rua outros de costas e todos abandonados. Ali era um lugar de muitos

fazendeiros, donos de muitas terras, tinham muitas invernadas com gado, eram todos cercados com fios de arame e as porteiras eram feitas de troncos de cedros com os furos para passar as varas. Os túmulos virados de costas para a entrada e mais retirados eram de pessoas que se suicidavam...

E com a morte dos antigos proprietários, os herdeiros foram vendendo o gado, e pondo nas carreiras de cavalos. Tinha quem apostava terras nos jogos e assim foram ficando pobres. Mas o pessoal mais antigo dizia que não era só no jogo que gastavam o capital. Era na zona com mulheres, diziam que eles iam numa casa de mulher e mandavam fechar as portas e ficavam festando até terminar o dinheiro.

Eu conheci famílias muito pobres, daqueles descendentes que eram donos de muitas terras. Inclusive aquele que nos vendeu a propriedade que se chamava Odorico Sousa. Lembro que no dia da inauguração da capela, muita gente teve reunida.

Foi numa destas festas da comunidade que conheci minha esposa, Carmelinda. Nessas idas e vindas da comunidade Aparecida até a comunidade São Paulo (tinha uns 18 quilômetros), eu passava nos lugarejos nominados Vila Preta onde passava na frente do Quilombo da Mormaça, seguia Ponte do Rio Teixeira rumo a Vista Alegre, São Paulo. Lembro que foi um namoro de uns dois anos, quase três.

O Quilombo da Mormaça localizava-se em uma área de terra em que vivia uma família de negros e muitos outros na volta. Diziam os mais velhos que eles trabalhavam nas fazendas. Lembro que na parte de cima da casa grande no quilombo, vivia o negro velho. Eles tinham reuniões e rezas. Mas já estava em decadência quando nós fomos morar na Comunidade de Aparecida. Eu fazia este trajeto montado no lombo de um burro chamado Canofre, este burrão era muito famoso por sua bondade e bom tranco.

Lembro que uma vez saía da casa da Carmelinda, mais conhecida como Mires, às 23h e voltava por aqueles caminhos muito brabos, muito mato e muitos casebres, em uma noite me deparei com um assassinato, onde foram mortos três indivíduos, sendo dois da família

Bolão e o Sr. Antônio Seco. E não muito tempo antes tinha sido morto numa briga de bodega mais dois Bolão, eles eram cinco irmãos, todos morreram com o facão na mão, eles tinham fama de valentes porque o pai dos mesmos tinha matado um tigre a golpe de facão.

Eu conheci o Caboclo, de fato era respeitado no facão, era um caboclo que não tinha mais de 1,60m de altura. Tinha os olhos verdes, só que os seus 5 filhos não tiveram a mesma sorte. Sabe, não eram todos bandidos naquele lugar, tinha caboclos muito bons e de muito respeito.

Na época, lá pela banda de Butiá saiam muitos bailes. Se uma família construísse uma casa nova, já era motivo de inaugurar com um baile. Davam sempre bailes muito grandes, as famílias iam em peso, fechava a casa, e só voltava no outro dia, com o sol alto. E houve um baile, um pouco mais abaixo, próximo a Ponte Alta. Neste baile foram mortos dois caboclos e cortaram o braço direito de um jovem da família Perim.

Eu enfrentava o caminho com meu burro Canofre, e uma garrucha boa uma barbaridade, muitas vezes eu cochilava no caminho, e só me acordava quando o burro cruzava uma ponte de madeira.

Mas agora quero falar como a gente se ocupava no dia a dia.

A gente plantava tudo a muque, roçava, arava a terra com bois ou mulas, a plantação era feita com máquinas manuais. A limpa era feita manual com enxadas capinadeiras animal, não ficava ninguém de fora, até criança de 7 anos trabalhava da manhã à noite, de segunda à sábado, e a turma fazia tudo normalmente, com muita alegria. Lembro que a gente cantava no trabalho, a noite como não tinha televisão ia todo mundo para o galpão descascar milho, que não era pouco. Tinha que descascar o milho para depois debulhá-lo, e vendê-lo para poder desocupar espaço e colher o outro que tinha na lavoura. Era um ritual o ano inteiro, terminado a colheita de um produto começava a outra. Como era plantado a muque, o pessoal estava sempre ocupado, com isto não tinha tempo de ficar fofocando dos outros. Não tinha distinção entre homem ou mulher, todos gegavam juntos.

Mas, a mulher neste tempo trabalhava mais, pois faziam as tarefas junto com o homem na lavoura e tinham mais as de casa: costurar, fazer pão, lavar roupa, limpar a casa, fazer a comida, limpar a louça, e, ainda, criar os filhos e alimentá-los, vesti-los, encaminha-los para a escola, e daí, de novo na lavoura com o homem, e assim era a vida dos agricultores da época de 1950. Assim viviam o homem, a mulher e toda a sua família. Sempre com muita alegria. Por falar de alegria a gente nota a diferença da época e o povo de hoje.

Sabe que eu e meus irmãos pegávamos roçada de mato, com isto a nossa plantação era bem bonita. Eu nas folgas do trabalho puxava lenha de metro, do mato até a estrada como já expliquei. Foi dessa maneira que com 18 anos comprei 8 alqueires de terra, com isso o trabalho aumentou muito, pra poder pagar a terra, meus irmãos me ajudaram muito. Eu e o Narciso saíamos de madrugada de casa com a carroça de bois e ficávamos por lá o dia todo, com muito trabalho em dois anos paguei a terra.

Sabe quando eu disse que puxava a lenha do mato, não era só uma carga, eram muitas cargas, trabalhava até na noite com o luar, se a lua aparecesse à meia noite eu ia ao mato e só deixava de trabalhar quando começasse o dia. A lenha era posta na beira da estrada de rodagem, para os caminhões pegar. Na época era movida a máquina a vapor, e com isto, a lenha e os nós de pinho eram muito usados. E era um ritual: cortávamos lenha, tirava do mato e os caminhões puxavam para beira da estrada de ferro. A lenha era usada como combustível para mover o trem de carga. O trem levava os produtos coloniais como: milho, trigo, feijão e outros. Também tinha o trem de passageiros, era chamado de noturno e um de misto. Eles partiam de Cruz Alta e iam até Marcelino Ramos. Eu viajava muitas vezes no trem, lembro-me que, por ser movido a fogo, muitas vezes entrava faíscas pela janela e queimava as roupas do corpo como: camisas, casacos, era como levar uma pequena queimada.

O maquinista tinha um foguista só para por lenha na fornalha da máquina, por isto, a lenha era um bom negócio, com isso muita gente derrubava muitas árvores. Tinha gente que fazia até 5 mil metros de

lenha. Eu tinha prazer em juntar lenha. Tinha famílias que cortavam lenha o ano todo.

Lembro-me de um velho, com setenta e tantos anos, tinha o apelido de Velho do Mato, porque sempre viveu em um ranchinho de chão coberto de capim. Ele dormia perto do fogo de chão em uma cama de tarimba e o travesseiro de pau, feito uma cava para pôr a cabeça e colocava um pano como o seu casaco e se tapava. Ele era solitário, eu nunca pude saber ao certo o que havia acontecido com ele porque ele me disse que teve uma mulher e 11 filhos, me mostrou uma foto deles. De fato, era uma linda família, deviam ser portugueses pelo semblante, mas lembro de que ele apareceu cortando lenha e ficou nosso vizinho. Eu fiquei muito amigo dele, sempre que eu tinha um tempinho eu ia prosear com ele. Ele era um bom avô, me deu muitos conselhos bons, lembro que era sempre no sentido dos bons costumes, que um jovem deveria de se comportar e respeitar os outros. E eu acho que ele devia sentir muitas saudades de sua família. Ele tinha uma família grande, mas nunca mencionou nada, nunca ouvi ele falar nada sobre a mesma.

Como já disse, vi uma fotografia com uma mulher e uns 10, 11 filhos e filhas. Por ser muito novo não tive coragem de perguntar o que houve com a família dele. Era muito solitário, tive dó, este era um motivo de me cativar a ele. Ele cozinhava e dormia no mesmo lugar, ao lado do fogo, ele tinha a tarimba para dormir. Cultivava pequenas plantas, um pouco de feijão, uns pés de mandioca, um pouco de milho verde para comer, o maior envolvimento e trabalho dele era cortar lenha de metro no mato para a viação férrea.

Um dia eu perguntei para ele por que ele usava um pequeno machado, e ele me respondeu, que “velho tem pouca força” e com isto ele não cansava. Com o tempo a lenha foi acabando, ele foi trabalhar nas terras dos judeus em Quatro Irmãos, perto de Erebangó, bem mais adiante fiquei sabendo que ele tinha morrido. Enquanto foi o nosso vizinho ele era muito querido por todos, ele tinha o nome de Emílio Pereira da Silva. Ele era muito alegre, gostava de jogar bocha na comunidade, ele era muito servicial, se precisassem dele estava sempre pronto.

Lembro-me que um dia, lá em casa, eu tratava da criação e minha irmã Aurora tratava de fazer o fogo para iniciar a janta. Todo mundo ia para a roça, à tardinha eu e minha irmã fomos dispensados para fazer as tarefas de casa. Minha irmã pegou cavacos de lenha e derramou querosene em cima da lenha e no derramar querosene na lenha, não é que pegou fogo na manga do casaco dela. Ela se assustou e começou a correr em volta gritando, e eu estava no galpão, subi correndo e peguei um balde com água e despejei em cima dela. Ela se rolou de tanta dor, mas apaguei o fogo. Meus pais não estavam por perto e não viram nada, mas o velho do mato sentiu os gritos dela, veio correndo para saber o que tinha acontecido. Ele vendo que as queimaduras, que eram de 2º e 3º graus, me pediu um copo cheio de banha de porco e uma colher. Foi na fonte d'água e lavou bem a tal banha, veio com a colher para passar sobre a queimadura, em seguida a banha ficou sequinha, ele bateu no braço e a banha caiu. Ele passou outra vez e a minha irmã não se queixava mais, logo ela dormiu mais calma. Ele pediu mais um pouco de banha e levou embora e fez uma pomada. Com aquela pomada ela sarou e nem ficou cicatriz. A receita ele não contou aos meus pais.

Agora eu quero ensinar uma receita das boas, a tal pomada milagrosa.

A gente pegava uma xícara de banha de porco pura e dez folhas de transagem, cinco de confrei e dez de malva. Colocava a banha numa panela, as folhas bem lavadas na água, deixava fritar até que as folhas estivessem bem secas. Tirávamos as folhas da banha, colocávamos uma colher de parafina ou de cera de abelha, que é melhor que a parafina, para a pomada ficar consistente. A pomada podia ser usada em qualquer ferida que curava mesmo, por isso que era dado o nome de pomada milagrosa e é usada até hoje.

Esta pomada está mais do que comprovada, é a melhor pomada que eu já usei na minha vida, tanto para humano quanto para animais. Tem que aplicar bem três vezes ao dia e a ferida logo sara.

As empreitadas de Roçada de Mato

Já que vinha falando de trabalho, eu não puxava só lenha do mato, eu e o meu irmão Narciso nas colheitas de trigo a gente colhia o da ponte e malhava, depois a gente pegava empreitadas. Nós éramos muito bons de foicinha, eu e ele cortávamos uma bolsa de planta em um só dia, a gente iniciava no clarear do dia e só parava para almoçar boia fria que a gente trazia de casa, teve até gente que se queixou que a gente ganhava demais. O jeito de a gente trabalhar era baixar a cabeça e haja foice. Também a gente pegava muita capina, na capina a gente tinha o mesmo sistema, começava um numa ponta e outro na outra ponta e só de meio dia a gente falava um pouco e no mais era só trabalho. E não é que meus pais fizessem pouca lavoura. A gente quando plantava pouco era uma colônia e meia ou mais. Meu pai pegava muito mato para plantar, pegava 3º parte 30% arrendamento. E a lenha do mato que a gente plantava era feita nos intervalos das limpas das roças de milho e feijão que nós tínhamos. Como dizia, a gente ia de serrote no meio do milharal e ia serrando a lenha toda deixava empilhada no chão e só quando colhia o milho é que se puxava a lenha para a beira da estrada, para os caminhões puxarem na beira dos trilhos do trem. Com isto nós estávamos ocupados o ano todo. E a vizinhança ficava até com ciúmes da gente, porque as roças eram bem limpas e sempre que tínhamos um tempinho dávamos um repasse no meio da lavoura, para catar alguma erva daninha que tivesse.

Todos os dias o povo ficava ocupado com a lavoura e com as tarefas do dia a dia que tínhamos que fazer o ano todo. Quando começava o inverno a gente ia pro mato, e com isto ia todo mundo na foice roçar mato. Nós começávamos em junho, logo após a plantação do trigo, e só parávamos em setembro, eram 4 meses entre roçada e derrubada, tiveram anos que derrubamos alqueires, por isto, muitos saíram para descascar milho, quando vendia pouco milho era acima dos 500 sacos, teve anos que chegamos perto de 800 sacos de milho entre vendidos e consumidos. Nós tínhamos sempre criação de muitos porcos.

Eu falei do acidente da minha irmã Aurora, e agora quero falar também do acidente de minha irmã Mercedes. Ela e Aurora usavam bicicletas para se locomoverem de casa para a roça, elas faziam dois

quilômetros de estrada para chegar até o trabalho, elas trabalhavam até a tardinha, pegavam as bicicletas e iam regressando, numa das descidas a correia da bicicleta da Mercedes saiu e ela foi tentar arrumar, quando caiu e rodou num lançante, bateu com o ombro e deslocou. Quem acabou arrumando o ombro foi um senhor que se chamava Brizola, ele era um mestre em arrumar quebrados. O senhor Brizola se alguém tivesse sarado com defeito na perna ou num braço ele tinha um método de quebrá-lo, e arrumá-lo de novo, ele era muito famoso no lugar. A minha irmã Mercedes em pouco tempo estava na roça com os irmãos.

Outra situação, ocorrida em 1942: um jovem bateu sua motocicleta na traseira de um caminhão, ficou com as duas pernas esfaceladas e foi ao médico. O médico ficou com o rapaz 3 meses baixado no hospital e não pode curá-lo, já estavam planejando amputar as duas pernas dele. Meu pai convenceu o pai do rapaz que pedisse alta do mesmo e levasse ao Brizola. Não deu outra em 3 dias o rapaz já estava nas mãos do Brizola e em 70 dias ele com dificuldades começou a caminhar, e em pouco tempo ficou completamente curado.

Já que estou contando os acidentes em família, aconteceu comigo:

Meu pai começou um galpão grande para colher a safra de milho, ele levantou o mesmo e me deixou para cobri-lo. Era um galpão de dois pisos, embaixo era para as vacas e os bois em cima para guardar os grãos. Eu comecei na varanda das carroças a cobrir o tal galpão. Foi uma porção de dias pregando tabuinhas, e no arremate final lembro que faltavam duas carreiras de tabuinhas, e eu fui puxando as tabuinhas nas costas por cima do coberto, e colocava no andaime, ele com o peso despregou e eu fui abaixo com as tábuas do andaime e as tabuinhas, de onde eu cai tinha 6 metros de altura, desci batendo com as costas nos barrotes do galpão. A minha mãe ouviu aquele barulho de tábuas e veio ver o que tinha acontecido e me socorreu. Eu estava inconsciente. Levou-me para casa e quando eu voltei em si, eu estava todo doído pelo corpo, não houve quebração, mas estava escorrendo sangue. Sabe qual foi o médico e o remédio? Foi catinga de mulata e mentruz, tomava chás e comia como salada. Colocava emplastos nas costas, até que por lá no

Butiá não tinha outro jeito, (na época Sertão era 4º distrito de Passo Fundo), não tinha hospital, as pessoas se curavam em casa ou tinham que se deslocar para Passo Fundo ou Getúlio Vargas.

Devo dizer que não era só trabalho, nem só acidente, nós também tínhamos muitos lazeres como: bailes, festas, surpresas, filós, pescarias, caçadas, etc.

Por falar em caçadas, eu com 12 anos matei o primeiro veado, com arapuca pegava muitos pássaros, uma vez eu tinha pegado muitos nambus, pombas, urus, jacus e papagaios, tinha mais de 80 aves e meu pai não sabia. O dia que ele entrou debaixo do galpão viu uma gaiola com todas essas aves, chamou minha mãe e abriu a porta da mesma. A bicharada foi voando rumo ao mato, daí a partir daquele tempo eu nunca mais peguei pássaros e tenho raiva de quem pega passarinhos.

Na época tinha muita caça, como veados, lebres, pacas, cotias e muitos pássaros como pombas de todas as espécies, urubus, nambus, papagaios em grande quantia e muitas outras espécies de bichos. Nós armávamos arapucas nas lavouras onde colhia o milho, pegava até papagaios nas mesmas. Não era um por vez, cheguei a pegar até cinco de uma vez só. Na época tinha muita baitaca, eram famintos, viam os grãos de milho e chegavam de bando, com isto se pegavam muito fácil. Sabe que sopa de carne de papagaio é a melhor sopa que existe para mim!

Não posso deixar de contar como era o colégio lá na Comunidade Aparecida.

O ensino era feito pela filha do Sr. Antenor Miranda, que se chamava Geni Miranda e ela tinha o Ginásial, com isto, nossos pais contrataram a jovem para nos ensinar um pouco mais. Sabe como eram as aulas? Eram nos dias que chovia e nos fins de semana, porque nos dias de tempo bom a gente tinha que ir para a roça trabalhar. Eu e minha irmã íamos a cavalo, porque tinha três quilômetros da casa. Assim aprendi as quatro operações, um pouco da história do Brasil e o mínimo de português. Eu não posso deixar de contar, nesse momento que a jovem Geni namorava um jovem chamado Luiz Dessoes, não demorou

muito e eles casaram. Lembro-me do seu casamento, ele foi feito no cartório do escrivão Pedro Piovesan, e foi muito interessante o cortejo foi a cavalo, todo mundo pilchado a rigor, os homens de botas, bombacha e chapéu de aba larga, e as mulheres vestidas de prenda, com cavalos gordos, bem preparados de celim.

Era todo um ritual, as famílias vinham juntas e se perfilavam de vez em quando algum mais ousado puxava o 38 e fazia falar com uma descarga, é que em vez de tantos foguetes, o revólver substituía. Na volta o foguetório era certo, porque era costume largar muitos foguetes. Sabe que a noiva como sempre demorava para aparecer, e naquele dia também não foi diferente, ela demorou um bom tempo para aparecer e eu com uns 15 anos também estava bem a cavalo e pilchado a rigor, até que apareceu o pai, a mãe e a noiva a cavalo. A noiva de celim. O noivo e a noiva de frente e os demais atrás, devia ter uns cem cavaleiros, onde eu também acompanhei, era o costume de largar muitos foguetes e também falava os 38, porque na época se comprava balas de revólver na bodega. Mas não foi só no casamento da professora Geni que iam a cavalo, era costume de lá no Butiá todos os casamentos irem a cavalo. O povo todo andava a cavalo, lembro que nas festas da comunidade juntava muitas carroças e muitos cavalos, os demais iam a pé.

O povo era muito feliz e participativo, as famílias fechavam as casas, só voltavam à tardinha e não havia roubo. Eu e a Mires nos encontrávamos todos os fins de semana, com isto eu fui ficando por dentro da vida e do dia a dia da família, que era composta pelo Sr. Albino Miotto e dona Anita Miotto, e dos filhos, a Terezinha, o Tercílio, a Lurdes, a Artevila e aquela que me fisgou Carmelinda conhecida também por Mires, e ainda a Gemilde, a Lucila, a Avelina e a Ivete.

Era uma família muito unida, alegre e participativa, todos muito ligados na comunidade, eles na época na agricultura, estavam bem mecanizados, o Sr. Albino no ano 1950 comprou todo o maquinário agrícola da Alemanha e foi à vista: trator, arados, grades, semeadeiras, com isto eles, na época produziram bastante na agricultura, trigo, cevada e milho. Dessa forma a Mires aprendeu a dirigir o trator e dirigiu por 6 anos, à noite o Tercílio dirigia e de dia as moças.

Um dia a Mires saiu cedo para arar a terra, e o seu pai Albino mais tarde levou o café da manhã, era costume tomar café na roça depois de algumas horas de trabalho. A Mires desceu para tomar o café e o seu pai pegou o trator para fazer uma volta enquanto ela tomava o café. Sua irmãzinha Avelina com 6 anos, que acompanhava o pai na roça, sentou no assento dos arados que existia no mesmo, e não é que o arado enroscou em uma raiz e deu um solavanque, e a menina caiu entre dois arados, ele se assustou ao invés de frear, gritou ó, ó, ó, e a Mires saiu correndo e pisou na embreagem e freou, por muito pouco não aconteceu uma tragédia. Foi um milagre a Avelina não ter sido pega pelos discos.

Quando eu conheci a Mires, a Terezinha, sua irmã mais velha, já tinha casado. Quem frequentava a casa comigo era o Aquelino Oliveira, que namorava a Gemilde, e o namorado da Artivila. Tinha dias que a gente se encontrava namorando um na sala, o outro no corredor da frente, e assim foi passando o tempo. A Terezinha, irmã da Mires casada com Arcides Cecconelo, comprou terras perto da minha casa, com isto a Mires também ia visitar sua irmã, e como era perto de casa a gente começou a se visitar mais seguido e o namoro foi ficando mais sério.

Eu lembro que um dia eu, o irmão dela - o Tarcílio - e meu irmão Narciso fomos pescar lá no rio Butiá, era um domingo, a gente caçou um tatu e fizemos numa panela preta, ficou muito bom. O tatu e o arroz estavam prontos e não é que apareceu de trator a Mires e as suas irmãs Lurdes e Artevila, foi uma boa surpresa, como o almoço estava pronto, convidamos para comer o tatu. Também estavam minhas irmãs a Aurora e a Mercedes, todas almoçando com nós. Elas gostaram muito do meu tempero. Sabe que limparam a panela e batemos um bom papo e elas voltaram para casa. Nós continuamos a pescar e no outro dia voltamos, assim à gente se encontrava para um papo em todos os fins de semana. Eu comecei a reunir material para mais perto do local onde fosse bom para se morar, reuni todo material. E ai eu comecei a construir uma casa na minha terra e não demorou muito a casa já estava pronta. Eu pedi a Mires em casamento e noivamos e assim ia passando o tempo.

Como nós trabalhávamos muito, temos de dizer como que trabalhamos, tanto eu como a Mires, desde novos já fazíamos jornada

dupla, ela contava com suas irmãs e fazia a roça do pai. Depois plantavam uma roça para elas para ter um dinheirinho a mais para comprar suas coisas de mulher e do enxoval.

Mas eu não podia deixar de fazer um registro sobre o trator e granjas. Naquela época não tinha trator por lá. Mas eu quero dizer que em seguida o Sr. Pedro Bertanhol comprou um campo no Butiá situado entre rios e o campo, era do Sr. Vitório Verdi e Pedro Cecconelo que eram nossos vizinhos e fez uma granja de milho. Com isto ele precisava de muita mão de obra para as limpas e colheitas. Começou com isso, na minha visão, o êxodo rural nessa região.

Aqueles lugarejos que eu comentei lá atrás era um povo que morava em cima de posses de terras que plantavam e viviam em grupos. Como o Sr. Bertanhol pagava salário mínimo, eles venderam os direitos de posse a ele e foram trabalhar de diaristas. E assim outros granjeiros foram surgindo e dando trabalho para aquela gente. Eles vendendo seus torrozinhas de terra e indo trabalhar nas granjas, e o povo começou devagar e foi aumentando, é que quem fazia empréstimo no banco não era fácil de desistir, então só foi aumentando, lembro que não foram só os caboclos que deixaram a terra, é que para tocar uma granja precisava de gente que fosse profissional tipo administrador, tratorista.

Foi assim, que também as famílias de pequenos agricultores foram atingidas, até as donas de casa tinham serviços na granja, precisavam de gente para fazer comida para os operários. E o povo foi se contaminando com as tais granjas, nem os pequenos agricultores queriam mais plantar de arados de bois, assim que desse uma oportunidade ele fazia um empréstimo e se enroscava com o Banco do Brasil, daí não podia pagar o empréstimo e o banco tomava as terras. Com isto foram deixando as terras.

Com o passar do tempo o Sr. Bertanhol foi pondo máquinas modernas e sobrando pessoas. Ele foi fazendo seleção, os bons funcionários foram ficando e os demais foram despedidos. Não tendo onde morar migraram para Passo Fundo para trabalhar nas fábricas, uns conseguiram e outros foram formando as favelas e muitos ficaram

desempregados. As mulheres lavavam para fora, cozinhavam, faziam faxina, vendiam assim o que sabiam fazer para viver.

Isto que eu estou escrevendo é um exemplo, na década de 50 muitas outras granjas se formaram, e a tecnologia progrediu também, modernizou-se as máquinas, com isto as favelas cresceram nas cidades também. A partir desta época a comunidade Butiá foi acabando, hoje não tem mais nenhum hectare de campo e muito menos os pés de butiás.

Eu escrevo isto porque na Aparecida era mato, logo ao lado campo, com muitos pés de butiás. Nem eu que me criei por lá sei onde era campo e onde era mato. Porque os matos também desapareceram, tudo em nome do progresso foi desaparecendo. Lembro-me como era a natureza e como ela está agora, ela está pedindo socorro e continuam destruindo as árvores ou áreas que existe tipo banhados, sangas, fontes de água que estão aterrando para fazer lavouras, etc.

Eu e minha esposa Mires, de carro no ano de 2008, também fizemos uma travessia de Passo Fundo até o Butiá e nos assustamos porque aquelas fazendas que nós víamos nos campos, hoje são só lavouras, terminaram com as fazendas, arrancaram até as mangueiras e os troncos das mesmas, e não deixaram nenhum vestígio das tais fazendas. Da até tristeza de ver que não existe mais nada, só lavoura, uma emendada na outra, os banhados também viraram lavouras. As sangas desapareceram, assim como os pés de butiás. Porque acontece isso?

E com isto a natureza também mudou a paisagem que tinha muitas emas e avestruzes, sabe um ninho de um casal de avestruz tinha até 40 ovos. Era muito interessante quando os donos dos campos atiravam fogo para vir nova pastagem. Os avestruzes salvavam seu ninho, correndo no rio se jogavam na água e molhavam ao redor do ninho, com isto eles formavam grandes grupos de aves. Todos os pássaros do mato foram desaparecendo, tinha bandos de papagaios com mais de 500 aves, muitos veados, lebres, cutias, pacas, bugios, graxains, jaguatiricas, e outros.

Eu quero também mencionar alguns amigos de infância: Alexandre Machado, Alexandre e Alcides Pieri, Adroaldo, Doclides, Ivo, Antonioli, Setembrino Sousa e José Pieri. Também muitas amigas que deixo de mencionar o nome das mesmas para não deixar alguma de fora.

Mas sabe que fui a muitos bailes, a gente dançava. Eu, não é pra me gabar mas, sempre me dei bem nos bailes. Estava sempre bem apresentado e dançava bem, com isto as meninas se aproximavam mais e eu não era muito acanhado, logo estava acompanhado. Sabe que a gente trabalhava muito, mas nos fins de semana eram só bailes, festas, alegria e amizade com os colegas. Na segunda o arrependimento pelo cansaço que a gente estava, e dizia: “Por um tempo não quero mais ir ao baile”, mas era só se aproximar o sábado e assim que encontrava o primeiro amigo o assunto já era: “onde tem baile sábado?”. E não dava outra, era o sol baixar que a gente ia em direção à sanga, um bom banho e estava pronto pra noitada, e lá se ia em direção ao próximo baile, tudo se repetia: trago e muitas meninas.

E assim foi passando o tempo e eu pensando em casar. Resolvi falar com Mires e marcar a data do casamento, falamos com nossos pais e foi marcada a data de 26 de julho de 1956.

E daí os preparativos, os convites tudo era planejado com calma, e foi chegando perto do dia e eu fui contratar o transporte que era o caminhão do meu tio Augusto Lernes, era para levar os meus convidados, eram mais ou menos 45 pessoas, o trato com meu tio era de ele vir pousar na minha casa porque onde ele morava era de difícil acesso se chovesse.

E não é que na véspera do dia do casamento deu uma grande tormenta e o tio não pode sair de casa. Eu esperei até a meia noite com meu pai, resolvemos pegar as mulas e atrela-las na carroça toldada que o pai tinha, e largamos rumo à comunidade de Vista Alegre. Lá um senhor tinha um jipe, e assim chegando à casa do senhor Munareto, ele sabia que da situação que eu me encontrava, que meus convidados não podiam estar presentes na cerimônia do casamento, até porque na época se casava uma só vez. O estado nervoso estava à flor da pele. De madrugada ia procurar uma condução adequada para o dia, eu e meu pai

enfrentamos a situação. A chuva não dava trégua, na véspera do casamento choveu torrencialmente, foi assim a noite inteira, eu sem fechar os olhos um só instante.

Eu tinha que fazer uns 12 km para chegar à casa de quem tinha o jipe. Fomos indo até chegar à comunidade de Vista Alegre. Chegamos lá pelas 7h da manhã, demos: “ô de casa” e o homem levantou-se e prontamente se pôs à disposição com o jipe. Eu meu pai e o senhor Munareto seguimos rumo à casa da noiva e meu pai arrumou um jovem primo da noiva para levar a carroça de volta. No horário que tinha combinado só que em vez do caminhão, chegou um jipe. A sogra Anita tinha preparado cucas e doces para mais de 50 pessoas. E eu tinha confirmado os 45 convidados, só tinham vindo três. Mas a partir dali as coisas foram melhorando, é que o padrinho da noiva, padrinho de batismo, era tio e tinha um bom carro e também um dos convidados da noiva tinha um caminhão.

Com isto os convidados da noiva se acomodaram e foram a matriz da estação paroquial Santa Terezinha. E na presença do Pároco Pe. Albino Estavisc, nos casamos. Em seguida fomos rumo ao Sertão que era 4º distrito de Passo Fundo, onde eu pertencia e no cartório do senhor Pedro Piovesan, realizamos o casamento civil e em seguida fomos no fotógrafo, só que as fotos não prestaram, queimou o filme. Dali fomos na Aparecida na residência dos meus pais e os convidados recepcionados com um bom churrasco e bebidas com doces e sobremesas.

Lembro que a festa foi no galpão grande que se colhia o milho, depois do churrasco a turma de meus amigos, tiraram para fora as mesas e começou a dança que foi até a madrugada, daí a gente se acomodou e pulo esta parte. E depois no outro dia lembro que o meu pai com a carroça levou nós e os nossos pertences. As coisas maiores, fogão, quarto, mesas, cadeiras já estavam na casa onde fomos morar.

Aqui foi o começo de uma nova caminhada, a minha nova família.

A gente logo procurou os vizinhos, que nos receberam muito bem. Eles nos conheciam mais ou menos, até porque a Terezinha, irmã mais velha da Mires, era casada com um Ceconello que morou tempo na comunidade. E eu por ter comprado a terra de um cunhado dos Ceconello que eram a maioria na comunidade, por ordem alfabética: Alberto Ceconello, Antonio Ceconello, Inácio Ceconello, João Serra cunhado, a esposa era Ceconello, também tinha o Sr. Pedro Ceconello. Como vocês viram a maioria dos nossos vizinhos era Ceconello, só tinha ali Orestes Deitos, e Luiz Serro. Mais embaixo o Sr. Mofardine e seu filho Dorval Mofardine, o senhor Bertolo Toigo que também era casado com uma Ceconello. E foi muito bom. Nós moramos um tempo lá em São Pedrinho, valeu a pena, a gente foi tendo os contatos com os mesmos.

O vizinho mais próximo era o senhor Alberto Ceconello e dona Celeste, e tinha dois quilômetros de distância, logo mais abaixo o seu irmão Antônio e dona Dalila, nos fundos da terra morava Luiz Serro, João Serro e dona Margarida, mais ao lado Inácio Ceconello e dona Geni. E foi com estes vizinhos que convivi dois anos. E como nós estávamos começando, os vizinhos presentearam com galinhas chocas, com pintos e nós também ganhamos umas galinhas dos nossos pais.

Em menos de um ano nós tínhamos mais de 200 aves. Nós trabalhamos dois anos com meus pais e meus irmãos, é que se ajudava e como os pais gastaram com o casamento, então, este ano foi para ajudar nas despesas de casamento.

No ano seguinte nós fizemos a nossa primeira lavoura, a Mires pediu o trator do seu pai, a diesel com 25 kw de força, ela tinha muita intimidade com o trator e eu vinha tratando uma boa junta de bois para a safra de milho.

Eu e a Mires começamos em agosto a roçar um capoeirão e em 1º de Setembro nós queimamos o capoeirão e começamos a plantar,

porque nossa meta era plantar toda terra e em seguida eu com os bois lavrei uma porção de terra e plantei o milho, a Mires tinha uns três meio de reserva de trigo e de cevada, ela em poucos dias lavrou a terra e eu com uma máquina plantei e a planta vinha vindo que era uma maravilha.

Nós estávamos limpando a lavoura, eu com os bois e o arado passava no meio do milho e a Mires com a enxada retirava os matos que eventualmente tivesse ficado e assim a gente ia resolvendo, e ela lavrava com o trator e eu com uma junta de boi e fizemos uma lavoura de mais de 7 alqueires de milho, lembro-me dos primos Darci e Deoclides Matana, no dia 2 de janeiro trilhando o trigo e a cevada e um disse: “você não tem galpão para por todo esse milharal?” e não é que a partir daquele dia, só foi chover no dia 20 de março, neste período só deu um chuvisco, era planta para mais de 500 sacos de milho, só deu uns 30 sacos. Mas tivemos muitas experiências, era um lugar que tinha muita natureza, muito mato na redondeza, e com isso muita bicharada.

Vocês lembram que no começo eu dizia que conversava com o Sr. Abilho, ele me contou que quando ele tinha 14 anos de idade, durante a revolução de 22, os federativos mataram 28 polacos, tinham sido sepultados em um tremedal no lugar. Não é que eu fiz minha casa ao lado do tal tremedal! A Mires convivia com os polacos sepultados ao lado da casa, só que ela não sabia de nada desta história. Seu Abilho havia me contado quando eu era bem jovem e nem pensava em comprar essas terras. O destino quis que eu visse com meus próprios olhos o desfecho que houve naquele tempo.

E o tempo foi passando e nós tomando o pé de toda a propriedade, fui construindo mais galpões e me preparando para ser um pequeno agricultor, com isto construir nossa história, mas eu de vez em quando me lembrava da história dos tais piquetes de polacos, que tinham sido mortos pelos federativos em uma emboscada.

Não demorou muito tempo, a Mires pegou o trator e lavrou a terra para plantar batata perto de casa e a primeira chuva que veio apareceu muitos cartuchos, foi juntado meia lata quando a gente capinou a terra, juntamos mais meia lata, com isto eu comecei a ligar os fatos e fui conferir

o tremedal, que era do lado de nossa casa. Sabe que eu peguei uma ripa de 5 metros e enfiei no mesmo e a ripa foi toda e não alcançou o fundo. Depois observando o terreno era exatamente como o Sr. Albino tinha descrito na saída do mato abaixo observando e vi o piquete de polacos, com isto eu tive problemas com a Mires, a partir daquele dia ela não quis mais ficar sozinha de noite.

Nós começamos lá em São Pedro, era um lugar muito próprio de criar galinhas caipiras, era uma ilha com muita água ao redor e muito verde para as galinhas, era até bonito quando eu pegava os bois e elas preparavam para vir atrás, é que eu colocava arado na terra, e os bichinhos enchiam o papo de minhocas, com isso eles se criavam.

De repente veio um cunhado fazer serão lá em casa, fez uma proposta de vender a propriedade, mas eu prefiro não contar esta parte. Nós vendemos a terra e compramos uma propriedade em Passo Fundo.

Mas antes de falar da nova morada eu quero falar das lendas do boitatá, e que naquela época se falava muito do boitatá, do negrinho-do-pastoreio e do saci-pererê, sabem que as noites bem escuras apareciam um ou dois boitatás no matão dos Souza, que eles vinham em forma de bola de fogo, eles se juntavam e se separavam, um ia atrás do outro, isto aparecia mais em seguida nas copas dos pinheiros, muita gente via estes fenômenos, sabe o negrinho do pastoreio, ele também se manifestava, lá na costa do Butiá. O povo comentava que ele tinha sido judiado por um fazendeiro muito ruim e diziam que além de matar a laço, o meteu em um ninho de formigas.

Era difícil o dia em que o gato do mato ou a jaguatirica não pegasse um frango. Assim, dificilmente se matava uma galinha, pois a gente só tomava dos bichos e dava para os vizinhos, já que andávamos enjoados de comer carne de galinha.

E saber que tudo isso começou com as chocas que nós ganhamos no casamento, tinha muitos graxains e outros bichos do mato, era até divertido de tantos bichos que tinha lá.

Nas comunidades originais tinham agroindústrias, tipo bodegão ou bodega, assim era chamado lá. Nelas tinham de tudo, ferramentas em geral para a pequena agricultura. Tudo que você precisasse tinha, desde roupa em metro ao sal, tinha munição para caçar no fim de semana. Nas comunidades tinham os moinhos coloniais, a gente ia com o trigo, ou com o milho, ou com o arroz, voltavam com a farinha e o arroz para fazer com galinha que também era crioula. Tinha para passar o tempo a erva-mate, que era feita na barbaquá do vizinho, que tinha pela redondeza. Também tinha a pinga, que era feita em casa no alambique. Quem não tinha alambique fazia no do vizinho. Não se fazia só pinga, se fazia açúcar mascavo, melado, também a gostosa rapadura. Com o açúcar se adoçava o café, também se fazia chimias de boa qualidade para comer com o pão e tomar no café.

A nossa semente crioula produzia bem. Mas, nos anos 50 teve a descoberta da semente de milho híbrido. Foi um grande sucesso, mas o pequeno agricultor não sabia porque até ali a gente plantava o nosso milho e dava lucro. Porque não precisava de adubo e com isto sobrava mais dinheiro no bolso.

Nesta época também começaram as cooperativas na comunidade

Lembro-me daquela época da comunidade Aparecida que o Sr. Cláudio Cecconello foi o 1º presidente de nossa cooperativa. E tantas outras cooperativas: Santana de Estação, Compasso de Passo fundo e outras.

E o pequeno agricultor não tinha amparo por parte do governo. Ele vivia razoavelmente bem, porque produzia quase tudo lá no interior. Lembro-me que nesta época os colonos estavam bem, porque eles se reuniam muitas vezes nos filós e tratavam dos seus interesses e se fosse preciso convocavam uma reunião para tratar do assunto, tudo se resolvia em comunidade. Porque do município só tinha de pagar impostos e não tinha benefício nenhum. Lembro-me que as pontes, os bueiros, e as estradas eram feitas pelos próprios colonos.

Lá na comunidade Aparecida tinha o Sr. Ermelindo de Sousa, que era o responsável pelo trecho da Aparecida até o Sertão, era com os colonos. Lembro-me que eu tinha uns 15 anos e participava junto com meu pai, com os bois e o arado para afrouxar a terra para ser removida de um lugar para o outro. Tipo fazer bueiros sobre uma sanga. Nós forrávamos de madeira e tapávamos com pedras e terra. Essas eram puxadas com um carrinho de mão ou com carroça de bois.

Tudo se fazia em puxirão (mutirão). Os colonos combinavam de endireitar uma curva nos filós (encontros à noite nas casas das famílias), e logo faziam uma reunião e o serviço saía sempre na frente dos presidentes da comunidade. O comissário, que no caso era o Sr. Ermelindo. Tudo funcionava bem. Só como exemplo a distância da comunidade Aparecida até o Sertão, era em 1945 de 16 quilômetros, hoje é de 9.900 metros.

Só um atalho que foi feito em Aparecida encurtou 3.800 metros. Também lembro que quando casei no ano de 1956 e em seguida me mudei para Passo Fundo, também funcionava o trabalho das

comunidades nas estradas. Lembro-me que tinha uma volta na subida dos pinheiros, foi endireitada. Só que não mais com os bois, e sim com a patrula. É que nós pertencíamos à sede do município e com isto tinha esta vantagem, mas os colonos ajudavam a puxar pedras com a carroça de bois e com os carros de mão, e assim nós tínhamos as estradas em bom estado para a época.

Aqui vale uma explicação, eu me criei no distrito de Passo Fundo, que eram em Sertão o 4º distrito, o 3º era em Ernestina, o 2º em Marau e o 5º em Tapejara. A gente que se criou no distrito tinha que se virar por conta própria, não era só arrumar as estradas, a gente tinha que se virar com tudo porque tudo era muito difícil de conseguir alguma coisa do governo municipal. Na saúde era mais difícil, não tinha direito a nada na saúde. Se alguém da família ficasse doente, tinha que depositar dinheiro na portaria do hospital para ser atendido, se não tinha dinheiro ia à enfermaria e o atendimento era precário. Nesse período eu já morava em Passo Fundo.

Sabe que meus avós trabalharam até que estivessem sem forças, porque não tinha aposentadoria e muito menos INSS. Os pequenos agricultores não tinham direito nenhum, se vocês acham que isso era muito ruim, agora vou contar, o pior é que na década de 50 começou uma pressão com as agroindústrias da época. Começaram a multar os moinhos coloniais e também os caríjos de erva-mate, alambiques e descascador de arroz. E isto foi desanimando os pequenos agricultores, não sei que portaria foi que não só multavam os proprietários, também os fiscais tiravam a mercadoria nos estabelecimentos.

Também na rua tiravam os produtos dos colonos, isto ia se repetindo, às vezes a gente levava uma porção de sacos de erva-mate no soque da comunidade, e o fiscal passava lá e prendia toda a erva que tivesse no local, além do dono do soque ser multado. Na comunidade também tinham colonos que tinham ovos de galinha e queijo, mas tomavam o queijo e quebraram todos os ovos, isto foi fazendo com que muitos colonos desanimassem e que vendessem as terras baratas para o granjeiro.

Foi ficando cada vez mais triste ser colono. Porque as cooperativas também começaram uma quebraadeira, os moinhos coloniais fechando as portas, a situação foi ficando cada vez pior para os colonos, o êxodo rural aumentava muito. Começaram a se formar as favelas ao redor das grandes cidades e na beira das estradas, estes vinham das granjas que estavam modernizando as lavouras com tecnologia moderna, tipo automotrizes com graneleiro, com isto sobrava mão de obra nas granjas. Com este momento ruim o incentivo era que o colono vendesse as terras para os granjeiros.

Diziam que com o dinheiro no juro e o salário mínimo o colono ia viver muito bem na cidade.

Eu me lembro que neste período teve uns vizinhos que fizeram isso, venderam toda a terra e colocaram o dinheiro a juro no comércio e cooperativas, e também foram mal e abriram falência: Rebeque, Zago, Laioni e outros, junto foi uma porção de vizinhos, João Catapan, Oscarzinho Mello e outros. Eram gente de posses e terminaram a vida recebendo mesada dos filhos, e a evasão no meio do rural foi aumentando.

Não era por menos: sem direito à saúde, sem as cooperativas, sem as bodegas que compravam os produtos dos colonos, nem os moinhos para moer o seu milho ou o seu trigo. Ficava cada vez mais difícil viver na roça dizia meu vizinho João Onofre. Antes uma família tendo um paiol cheio de milho, sem moinho não tem polenta. Essa perseguição foi crescendo, os moinheiros, donos dos moinhos fecharam as portas dos mesmos, não foi diferente com os soques de erva-mate e os alambiques. O desânimo aumentou nas famílias rurais. Os filhos dos colonos não queriam mais ficar na roça, porque eles viam os pais sofrendo com tanta perseguição. Eu e a Mires com a comunidade íamos assumindo tarefas que pudesse fazer frente a tudo isso que acontecia na nossa comunidade e no município de Passo Fundo.

Participação Política na organização do Sindicato de trabalhadores Rurais

E neste meio tempo apareceu em uma das missas de mês na comunidade Nossa Senhora da Paz, interior de Passo Fundo, o irmão Urbano. Ele fez um convite: que um membro da comunidade tomasse parte de um grupo de outros líderes, de outras comunidades e o assunto era pra construir uma proposta para fazer frente à situação em que se encontravam os colonos, neste dia eu fui escolhido para fazer parte deste grupo, porque eu já participava das reuniões da ASCAR e também do Clube 4.S. que era com os jovens trabalhadores rurais. O agrônomo da ASCAR orientava para o serviço da agricultura e da comunidade. Eu precisava me encontrar com o grupo que ia construir a proposta para o sindicato dos trabalhadores rurais.

E o grupo era este, eu, Clarindo Maximo Nespolo, líder e representante de Nossa Senhora da Paz, e Capinzal.

Irmão Urbano Maximo, diretor do seminário Champagnat (Champanha) e líder do grupo.

Alberto Tagliari, líder de Santa Marta e Santa Gema.

Joanim Rebeque, líder de Santo Antão, e ainda, o Larenzoni, o Toneti e o Estefani, todos da comunidade de Santo Antão.

Guariente, líder de Bela Vista e redondezas.

Onofre Fagundes, líder de Nossa Senhora das Graças e arredores.

Rosso, líder da Vila Rosso e arredores.

João Fanti, líder de São Roque e arredores.

Orlando, veterinário do estado, tinha terra em Santo Antão.

Olímpio Ouro, contador, tinha terras fora da cidade, próximo de Sta. Marta.

E um senhor que não me recordo o nome no momento era o líder de Burro Preto e arredores. Esse foi o grupo que começou e terminou a proposta.

Não me lembro do dia, nem do mês, mas foi lá pelo fim da década de 50, início de 60, deixo de mencionar dia e data para não cometer erros e por não ter encontrado o livro ata da época.

Irmão Urbano abriu a reunião às 8h, horário combinado, na pauta preparando e organizando para criar um órgão que fosse ajudar os agricultores. Com abertura da reunião a apresentação do grupo, Irmão Urbano tomou a palavra, além da palavra de estímulo afirmou a pauta, que a partir da data, todas as primeiras 3º feiras de cada mês, às 8h, na sala do Círculo Operário teríamos a reunião. A pauta sobre a situação dos colonos e possibilidades de mudanças da situação atual. Eu tinha 24 anos, os demais membros tinham acima de 40 anos. Na comunidade Nossa Senhora da Paz as atividades continuavam, eu com os jovens fazíamos atividades na comunidade, no colégio da comunidade Padre Vieira, as jardinagens e horta cultivando hortaliças para a merenda dos alunos.

As reuniões aconteciam todas as primeiras 3º feiras do mês, eu, por ser o caçula do grupo, me sentia muito entusiasmado com a proposta de ter a possibilidade de vir a ter um sindicato. Mas quando eu falava na comunidade o que se tratava na reunião, eles me respondiam que nós estávamos criando mais um órgão tipo as cooperativas que só sobrava dívida para os sócios.

Eu ficava meio desanimado com a resposta dos companheiros, mas mesmo assim eu continuava nas atividades da roça, porque eu ainda estava com uma dívida pela compra da minha terra. Tivemos reuniões pesadas, e outras que a gente tirava para contar alguma piada. Lembrome que contei um fato que vinha acontecendo na minha propriedade: Eu e minha mulher, Mires, tínhamos que fazer lenha picada para o fogão, se vendia muito bem a lenha picada, porque não tinha gás na época. Era só o fogão a lenha e eu tinha um timbozal que dava uma boa lenha. Eu comecei a notar que a lenha picada desaparecia à noite. Desconfiei de

uns que moravam nos fundos da minha terra. Disse para a Dona Mires “eu vou cuidar hoje de noite o ladrão da tal lenha”. Peguei um taquari carregada à boca, e fui ao mato e me escondi atrás de um pé de Sapupema. Fiquei de olho bem aberto, de repente senti um movimento no meio das taquaras, tomei posição, aguardei mais um pouco e fui conferir. Para minha surpresa eram as formigas mineiras que estavam puxando a lenha de timbó.

A companheirada começara a dar risada e fazer comparação com as formigas, e já teve um que disse que arrendou um pedaço de terra e plantou 2 sacos de sementes de cevada. Plantou a tal cevada, mas demorou um tempo para ver a tal, e não tinha mais cevada. As formigas tinham comido toda a planta, só ficou a terra. Daí teve um que disse: “sabe eu acho que o Nespolo, o que ele disse das formigas da lenha de timbó é verdade, as formigas mineiras gostam das folhas de timbó, acho que o Nespolo fez as achas de lenha menores do normal e as formigas levavam mesmo a lenha dele a noite”. Assim, a gente se animava para retomar as reuniões, nas conversas apareciam assuntos de toda ordem, tipo: onde já se viu um agricultor não ter direito a assistência médica? A aposentadoria? Etc. Mas mesmo assim nós encontrávamos força para lutar. Eu me distraía com as atividades realizadas na ASCAR na agricultura e na escola com a educação, mesmo antes de ter filhos.

Nisso os filhos iam chegando, um em cada ano.

E com eles as dificuldades também. Não era fácil sair de casa, deixar a esposa e as crianças pequenas para comparecer as reuniões a 6 quilômetros de distância. O deslocamento era a cavalo ou de bicicleta. No entanto quero destacar o apoio que recebi do Sr. Ermenegildo Dambrós em dias de muita chuva. Ele nos oferecia o seu jipe. Nessas reuniões o grupo discutia a situação difícil por que passavam os pequenos agricultores rurais totalmente desprotegidos pela legislação brasileira. Padecendo no setor de crédito agrícola, sem proteção à saúde quando uma pessoa ficava doente, lá na roça, para dar baixa em um hospital tinha que dar certa quantia em dinheiro, representava na época em torno de 30 sacos de milho ou três porcos de 200 quilos. Caso contrário, o agricultor ia parar na enfermaria, e só eram alimentados se pagassem.

Quero falar da Comunidade de Nossa Senhora da Paz

Era uma comunidade muito grande, devia de ter mais de 50 famílias, eram famílias numerosas, tinha famílias com 14 filhos, 90% católicos e frequentadores da comunidade, só para ter uma ideia, no domingo, nos terços tinha de 20 a 25 moças.

Era uma comunidade bem antiga, era de 1932 a sua criação. Era acompanhada pelo vigário da Paróquia da Vila Luiza, a igreja era velha e embora bonita, estava pendendo de um lado e era um perigo que viesse a cair. Tomamos a decisão de fazer uma nova. Foi emprestado um dinheiro da comunidade a um Sr. Sedemundo Baldisky, e com o trato de pagar com tijolos. O dinheiro emprestado era 200,00 contos de réis reverteu em 30 mil tijolos. Tinha um prazo para o Sr. Sedemundo pagar, o contrato era da seguinte maneira, quando nós precisássemos de tijolos, avisar com 60 dias de antecedência, assim aconteceu, quando a comunidade resolveu de construir a igreja foi ao Sr. Sedemundo, ele depositou os 30 mil tijolos na frente da igreja antiga. Nós não precisávamos de tantos tijolos, negociamos com a firma Lara, em troca de cimento, cal e ferro, e assim foi construída a nova capela de alvenaria.

As festas da comunidade: principalmente na festa da padroeira Nossa Senhora da Paz nós carneava duas vacas, ovelhas, galinhas, porcos, fazíamos cucas, bolachinhas e pastéis, além da comunidade, a Empresa Vieira, que era do ônibus da cidade na época, vinha de hora em hora trazendo as pessoas.

Era muita gente que vinha na festa, na época a comunidade costumava convidar os festeiros da cidade, lembro-me que também convidavam um festeiro de honra, prefeito e uma personagem política.

Início de Assistência Técnica Rural

Vou comentar sobre a ASCAR. Na época apareceu o Dr. Dirceu e a senhora Elma, ele engenheiro agrônomo, ela nutricionista. Estiveram em nossa casa para combinar um trabalho com a comunidade de aprendizagem, sobre agricultura e nos convidou para sermos responsáveis de reunir um grupo de homens e mulheres.

Começamos assim um trabalho de não mais queimar a terra no preparo da mesma, mas sim, trabalhar com curva de nível e sementes selecionadas. Lembro-me que no mínimo duas vezes por mês nós reuníamos para falar de como tratar melhor a terra, os vizinhos que se reuniam eram os senhores Afonso Zolett, Arlindo Teixeira, João Onofre, Duca Ferreira, Ermínio Dambrós, Ermenegildo Dambrós e o Sr. Olímpio, Mateus Balla, Ivo Pents e suas esposas. As mulheres se reuniam a parte, o assunto era preparo dos alimentos, conservação dos mesmos e culinários em geral.

Os homens o tratar da terra. Nós tínhamos dificuldade de reunir mais gente, e lembro-me que um dia veio junto ao Dr. Dirceu, outro engenheiro agrônomo que se chamava Nedi. Dr. Nedi que veio substituir o Dr. Dirceu. Começamos um trabalho que o Dr. Nedi trouxe referente ao Clube 4Ss. que queria dizer: “saber, sentir, sonhar e servir”, era o lema e com isto me pediu que reunisse os rapazes da comunidade e eu fiquei responsável pelo grupo. Lembro-me que o grupo era composto pelos jovens.

Com este grupo o Dr. Nedi fazia trabalho de jardinagem, como eles tinham que cuidar da terra, nós reuníamos no colégio ou no pátio da comunidade com atividades práticas e teóricas, um dia ia no quadro e o Dr. Nedi chamava a matéria, na outra reunião na terra, tipo fazer jardim em frente ao colégio no pátio da comunidade. Eu participava dos dois grupos. Lembro-me que eu dizia que eram poucas pessoas que frequentavam as reuniões, ele dizia não é a quantidade que a gente tem e sim a qualidade do grupo.

Com os adultos a gente fazia na prática, também ele dava palestras, na prática como fazer curva de nível, ele fazia o molde de ripas com um plumo, e nós íamos à lavoura com o grupo aprender como fazer curvas no solo, marcava a curva e pegava uma junta de bois e um arado de virar. Nós assistíamos o Dr. fazer a primeira curva, ele passava o arado para gente e dizia agora vocês sabem como fazer.

Outro encontro tratava como preparar a terra sem ser queimado, tipo roçar a capoeira e fazer, em curva de nível amontoar a mesma, deixar apodrecer dizia ele, que este ano a gente perde um pouco, mas no outro ano vem o lucro. E foi com o clube 4Ss que o Brasil fez na época do intercâmbio cultural com os Estados Unidos e mandou 50 jovens brasileiros para lá e veio 50 americanos para o Brasil.

Foi distribuído de dois em dois no Brasil. E dois ficaram no Rio Grande do Sul, um deles ficou na nossa região e se chamava Láns, era um jovem bem instruído, e não falava muito bem o português, mas se fazia entender. Ele parou um mês na nossa casa. Ele era muito legal, fazia tudo o que a gente fazia se íamos roçar ele roçava, se íamos capinar ele capinava. Foi um mês entre a minha casa e na casa do Sr. Afonso Zolett.

E nos filós que a gente fazia com ele, nós ficamos sabendo mais sobre a agricultura dos Estados Unidos, dizia ele que no país dele os agricultores moram nas agrovilas, eles têm cinemas na vila, escola, mercado e vivem bem em comunidade, só fica na lavoura um engenheiro agrônomo ou um técnico agrícola. Só ficam se tem alguma vaca para parir ou porcas, senão não fica ninguém no campo.

Cada proprietário tem um convênio com uma empresa de ônibus que faz o transporte dos trabalhadores da roça.

Com os companheiros da ASCAR, nós íamos fazendo as atividades na roça, e aprendendo como melhor ter lucro sem destruir a terra. Na minha visão, teve um avanço muito grande com a ASCAR no ano 60, lembro que a partir desta data o agricultor não mais queimava os resíduos que fossem produzidos, cuidava das curvas de nível e plantava cana nas mesmas, era um jeito de ter um lucro a mais com a cana doce.

Fazia-se açúcar e muitos doces, e com isto a gente tinha um dinheirinho a mais no bolso.

Sobre o colégio Padre Vieira, Brizoleta, depois tombada pelo patrimônio histórico.

Que eu fui presidente sem ter filhos no colégio, fui convidado para assumir mais esta tarefa, foi no ano 60 que eu comecei um trabalho com os professores Beloni e o grupo do clube 4Ss. Nós fomos fazendo um quintal nos fundos do colégio, dali saía boa parte da merenda dos alunos, e com o tempo também coloquei meus filhos, primeiro a Clarete e mais adiante o Claudir, a Clarizete e a Cleomar.

Eu sempre dando a minha contribuição, também tive muito apoio dos pais dos alunos, das autoridades como Brigada Militar, que me dava uma dupla quando a gente fazia um baile para resgatar fundos para a caixa do colégio, do delegado, ele me deu com acordo com a coordenadoria um cartão dizendo que eu podia fazer um baile por ano com o mesmo cartão.

Com isto a gente ia resolvendo problemas da merenda das crianças, do material de limpeza e assim por diante. Neste período de luta para a entidade dos pequenos agricultores, vem à lembrança da ASCAR. Só deixei de ajudar porque eu me mudei para a Vila Santa Marta.

Nossas principais bandeiras de lutas por direitos aos agricultores

Eu junto aos demais membros do grupo continuávamos a procura de uma solução para amenizar a vida dos pequenos agricultores. A minha vontade de encontrar uma solução era tanta que os meus companheiros chegaram a dizer que eu não estava bem da cabeça, no entanto, o que me dava força mesmo era minha esposa Mires, que incentivava cada vez mais a minha atuação em favor da criação de um sindicato rural, que viria defender os direitos dos pequenos.

As reuniões continuavam tratando dos assuntos como: aposentadoria, saúde, dentista, médico, hospital, não cessava a busca por informações. Em certos momentos a gente chegava a concluir que essas conquistas do pequeno agricultor seria impossível. Eu dizia para o grupo reunido no Círculo Operário: os companheiros agricultores da minha localidade aos quais eu levo nossas preocupações, não estão acreditando, uma vez que as famílias não tinham direito algum. Na comunidade Nossa Senhora da Paz, éramos em 47 famílias, eu procurava liderar o movimento de unidade em torno da formação do sindicato levando e trazendo propostas. Eram 390 pessoas, muitas com a saúde muito abalada. Quem não tinha dinheiro não dava baixa em um hospital, as mortes de criança se sucediam e com isso os desesperos dos pais. Faleciam muitas criancinhas naquela época.

Quando alguém ficava muito doente necessitavam de médicos e hospital. Tinham que vender um boi de canga, ficando sem o mesmo para o preparo da terra, a vaca leiteira era a primeira a ser vendida muitas vezes.

Estes e outros tantos fatos narrados no grupo da localidade e nas reuniões realizadas no Círculo Operário, faziam com que nós avançássemos nesses problemas, na luta desigual pelos nossos direitos. O sindicato seria a nossa salvação, só unidos poderíamos vencer, avançar. E as reuniões continuavam todas as terças-feiras de cada mês. Chegando na reunião lá estava o Sr. irmão Urbano Máximo com o livro

de atas para anotar tudo e ia chegando um por um, de bicicleta, a cavalo, outros chegavam de carona. Havia um pequeno caminhão. Nessas alturas já tínhamos um ano de luta juntos na mesma sala, já tínhamos adquirido muitas experiências e juntando inúmeros documentos.

Já estávamos em condições de aprovarmos juntos algumas propostas, baseadas nas nossas experiências em documentos na legislação, etc. o nosso líder Sr. Urbano começou a fazer contato com algumas autoridades para preparar o dia de uma assembleia geral, que se realizou, lembro que no salão ao lado tinha um bom espaço, ali foi preparado todas as propostas para serem aprovadas e deveres dos associados dos sindicatos.

Assuntos como: salário mínimo de aposentadoria, idade 60 anos. Salário: era meio salário. Problemas de saúde para aposentar: problemas de coração, cegueira, tuberculose e invalidez total. Estes requisitos eram os direitos e mais assistência médica e dentistas. Os deveres eram descontar dos valores dos produtos vendidos, 2% de tudo o que era vendido, também os filhos enquanto menores eram dependentes do pai. Com a maior idade tinha que ter o bloco no seu nome e começar a descontar tudo o que vendiam. Ainda não se falava dos direitos das mulheres que surgiram lá pelos anos 80.

Tantos outros direitos e deveres que iam sendo aprovadas, as propostas iam sendo colocadas em pauta para a aprovação na assembleia geral. A esperada assembleia geral aconteceu no salão dos fundos do Círculo Operário, hoje já não existe mais. Todos diziam: esse sindicato não pode ser igual àqueles que já quebram! Outros diziam: não deve ser um sindicato “cabide de emprego”.

No dia da assembleia geral, um a um os agricultores foram chegando, autoridades foram tomando assento em seus lugares. A documentação na mesa para ser aprovado pela assembleia. Aberta a reunião foi cantado o hino nacional, as autoridades presentes foram sendo apresentadas, e em seguida foram apresentados todos os itens do estatuto, ocasião em que eu tive a oportunidade de me manifestar a respeito do percentual de associados para tomar as decisões. Muitas

peessoas se inscreveram para falar e sugerir esta ou aquela modificação no documento em pauta.

Já era passado das 12 horas e mesmo assim os trabalhos continuavam participando. Finalmente depois de muito diálogo, o documento foi aprovado. Nós do pequeno grupo que se reunia todas as primeiras 3º feiras do mês, com o documento, foi aprovado por 183 pequenos colonos. Representando muitos outros, continuávamos vigilantes para a grande assembleia que iria se realizar na capital da república, na época Rio de Janeiro. Um dia que eu não me recordo bem em reunião, o Sr. Irmão Urbano comunicou que tinha recebido uma notícia que havia um processo na frente do nosso na capital e tínhamos que tomar uma decisão.

Decidimos por maioria que alguém teria que ir para o Rio de Janeiro para resolver a situação. Dois companheiros foram a capital da república, Rio de Janeiro, e verificaram que realmente era verdade. Havia outro processo na frente do nosso, no entanto o processo era falso. Comprovado a falsidade foi feita a contestação e retirada da pauta. O nosso pedido foi aprovado e homologado pelo presidente da república, com este gesto surge à associação dos pequenos trabalhadores rurais do Rio Grande do Sul, com sede em Passo Fundo.

A notícia vinda do Rio de Janeiro que nossa luta tinha surtido efeito explodiu de alegria no meio dos companheiros e na cidade também. Foi realizada a 1º eleição, presidente da associação recaindo na pessoa do Dr. Orlando Mendes, eu e o vizinho Ermenegildo ficamos com a incumbência de cobrar as mensalidades dos associados da nossa comunidade. Os recursos arrecadados eram destinados às despesas de material de expediente e para pagamento dos salários da médica e dentista que atendiam os associados e seus familiares.

É bom lembrar que o Sr. Olímpio Oro, a partir da grande assembleia foi membro ativo do nosso sindicato, também é bom lembrar a colaboração do Sr. João Andrade nos cedendo às dependências do Circulo Operário para a realização das nossas reuniões.

O famoso êxodo rural que se avolumava ano a ano

O tempo foi passando e a vida continuando, víamos as famílias indo morar na cidade. Não foi fácil estancar as transferências das famílias, mesmo tendo uma associação que as protegesse, mesmo de moto muito precário (no meu modo de entender as coisas, parece-me que havia uma perseguição, as iniciativas do pequeno agricultor, ou dos pequenos rurais. O governo fiscalizava tudo, fechava moinhos coloniais, outras agroindústrias). Foi um avanço, o nosso gesto de luta, sem trégua no sentido de criarmos uma entidade em defesa dessa gente desprotegida de qualquer direito social. Fez com que outros companheiros fizessem o mesmo, criando sua entidade de classe.

É bom comentar sobre outra praga que tinha contra os colonos era as tais formigas, eu lembro que meu tio Ângelo Nespolo numa certa ocasião plantou dois sacos de semente de cevada, plantou a mesma e levou dias, semanas para voltar na lavoura, para surpresa dele as formigas tinham devorado toda a sua plantação, eram mais ou menos assim que eram as tais formigas minerais: devoravam tudo o que era planta e se mudavam ano a ano. Não era fácil de combatê-las.

Dizia um agrônomo da Emater/ASCAR que a formiga mineira formava uma roda ao entorno do formigueiro e assim era chamado de cidade das formigas mineiras. Elas eram muito daninhas, elas cortavam dia a dia as plantas dos agricultores, quem não tinha dinheiro para comprar formicida ou Blenco, dividindo as plantas com as formigas. Elas eram uma preocupação no Brasil. Até um samba de carnaval foi criado, não lembro a cantora que criou a letra, mas era mais ou menos assim: “Se o Brasil não acabar com as formigas, as formigas acabarão com o Brasil”.

Os agricultores combatiam as formigas, mas na época tinha o campo e os fazendeiros não matavam elas. Assim, elas vinham para as lavouras dos colonos. Com as granjas, foi terminando o campo, e foi virando lavouras. Os granjeiros também começaram a matar as formigas.

Com isto ficou mais fácil para os pequenos agricultores. Eu tinha que gastar um bom dinheiro para poder livrar-me um pouco das tais formigas.

Se não bastasse também, foi aí que o governo incentivou novas sementes, o preço era lá em cima por ser novidade. Quem fazia as sementes também era o mesmo que comprava da produção. Não sobrava dinheiro para outros investimentos, mesmo assim os agricultores resistiam. Era mais um motivo para os companheiros ficarem desconfiados com mais esta conversa, que com o sindicato nós buscávamos aposentadoria e também saúde, diziam os companheiros: “O governo não faz nada por nós e vocês vem dizer essas coisas para nós, e ainda querem que a gente acredite. Se nem veneno para matar formiga ele dá, muito menos essas coisas que vocês falam”. E eles tinham motivo de sobra para falar e a gente tinha que lutar mesmo que os companheiros tivessem desanimados com tudo, para eles não ia adiantar nada o tal sindicato. Como vocês viram a luta foi grande para poder chegar até aqui.

Nesta época comprei uma Olaria de tijolos

Essa em sociedade com o Sr. Afonso Zolett, ele me fez uma proposta, que ele me dava 4 menores, 3 gurus e 1 menina, seus filhos para ajudarem. A moça tinha 13, o guri mais velho tinha 15, um tinha 11 e o outro 9, do outro lado eu. A olaria era as meia e tinha um trator para tocar a mesma.

Com isto vocês vão notar que eu por ter assumido uma dívida de 200 mil, a partir desta data não tinha mais tempo para assumir o sindicato. Eu passei o meu compromisso para o Sr. Ermenegildo Dambrós.

Trabalhava na olaria, na lavoura e nas tarefas da comunidade, eu fui reeleito presidente do colégio, na comunidade reeleito tesoureiro. Tinha um trator, tinha arados e grades, com isto a Mires que manobrava bem o trator tocava a lavoura e eu a olaria. E foram 4 anos, neste período eu era presidente do conselho de pais e mestres do colégio Padre Vieira e sempre tive bom entendimento com os pais dos alunos e com as professoras, tudo indo bem, eu trabalhava na lavoura e também na olaria, me sentia muito bem comigo mesmo e com meus amigos.

Ainda sobrava tempo para cobrar a mensalidade de meus companheiros sócios do sindicato, ia levando a minha vida com a Mires e com as crianças. Eu ainda dava um jeito de vender algumas quitandas no final de semana, como mandioca, batata doce ou moranga. A Mires preparava para eu vender para comprar o ranchinho. Por dever a olaria, de lá não poder tirar dinheiro, mas mesmo assim a gente vivia bem com muito trabalho meu e da Mires que não media esforços para vencer as tarefas do dia a dia.

Eu tocava meus negócios, um dia deu um desentendimento com o filho do meu sócio, que frequentava o colégio, com isto eu fui obrigado a agir, é que a professora expulsou dois guris do sócio e ele exigiu a presença da Secretária de Educação, não deu outra à professora foi punida verbalmente, e os guris voltaram na escola.

Aconteceu que um tio da professora fez vingança e quase matou o meu sócio, com isso ele resolveu ir embora e quis me vender sua parte. Eu que tinha recém terminado de pagar a olaria, não quis comprá-la e resolvemos vendê-la, em seguida vendemos e repartimos a renda. Foi muito bom aqueles 4 anos de olaria, sem nunca nós ter tido nenhuma desconfiança entre os sócios e nem os meninos. A gente trabalhava o dia todo e era sempre aquele respeito uns com os outros e as tarefas eram tantas que a gente não parava o dia todo. Eu lembro que ainda sobrava um tempinho para caçar preás, para fazer assados na brasa no forno da olaria de noite nas queimas de tijolos, era só alegria no trabalho, além de fazer os tijolos à gente tinha de gradeá-los para enxugar, depois pôr eles no forno e dar dois dias de resquente, a gente fazia o tal arrocho, para queimar os mesmos. E aproveitava esse tempo também para fazer cachaça, pois tínhamos um alambique. Nessa época eu já tinha dois filhos que ajudavam na Olaria. Passados 3 dias a gente abria o forno e começava a desenformar os tijolos. Eu lembro que muitas vezes por ter muita saída dos mesmos a gente abria antes 70h. Os tijolos ainda estavam quentes, e mesmo assim, a piizada enfrentava o trabalho, sem reclamar do mesmo e nem mesmo quando tinha de emendar o dia com a noite. É que a olaria tem de queimar os tijolos no forno.

Eu era o mais forte, pegava nas partes mais pesadas, tipo embocar o barro no maçador e também arrancar o barro. Mas tudo isso valeu a pena. Com a venda da olaria também foi vendido o trator, eu fiz mudança de vida de agricultor, e dono de olaria virei brigadiano. Foi uma mudança radical na minha vida. De trabalhador rural fui ser trabalhador urbano. Meu cunhado Elói Souza me convidou para ingressar na B.M., eu estava com dúvida e pedi opinião a minha esposa, ela me deu apoio (é que nossa filha Clarete já estava repetindo a 5ª série por não ter mais ensino para ela na escola Padre Vieira). E com isto eu fiz o teste e passei na B.M., isso foi no dia 20 de abril de 1966. Nem por isso eu deixei de ser sócio do sindicato, sempre acompanhando todas as notícias e acontecimentos da mesma.

Quero dizer que muito pesquisei para ver se encontrava algum documento para comprovar dias e datas do que aconteceu na época da fundação do sindicato nos anos 60, eu procurei na pessoa de Dom Ercilio Simões, Bispo de Passo Fundo, ele me encaminhou na sede do movimento da época, que era um bispo, ele mesmo não recorda mais o nome. Lá não tinha nenhuma só anotações. Familiares do irmão Urbano, como um primo do mesmo fez muito empenho, mas nada pôde encontrar.

O Sr. Paulo Lorenzoni, irmão do ex-presidente do sindicato na década de 70. Este Sr. Paulo até no seminário da congregação fez pesquisa, nada foi encontrado que pudesse comprovar algum fato. Falando com o Padre Nelson Tonello, ele me deu alguma pista sobre o movimento. Ele na época era seminarista, tinha ouvido falar deste movimento para construir o sindicato. Ele me levou falar com outro Padre mais antigo, mas nem ele tinha nada para informar.

Na Catedral foi feita uma pesquisa e foi encontrado um ofício que determinava que o Irmão Urbano Máximo fosse o responsável pelo grupo, assinado na época pelo Dom Claudio Colin.

Por tudo isso eu agradeço na pessoa de Dom Ercilio ao Irmão Urbano Máximo pela Igreja Católica ter nos dado e também agradeço ao Sr. Paulo Lorenzoni, padre Nelson Tonello e familiares do Sr. Urbano

pelo interesse e empenho em ajudar a encontrar documentos do processo de construção do sindicato.

Quero aqui contar uma história verdadeira, digo isto porque contei algumas histórias no decorrer da escrita, esta história é muito interessante.

Eu não deixava de ter contato com o pessoal do sindicato, torcendo para tudo dar certo. Sempre pagava as mensalidades em dia. O meu número de sócio era 24º. Depois de casado veio o resto, nós juntos íamos fazendo extras, além do dia, um tanto na noite, sempre que tinha luar eu capinava, ou lavrava a terra para poder no outro dia resolver outros problemas, tipo vender quitanda e outros afazeres. A Mires costurava para fora, ia assumindo os compromissos e tinha de costurar até de madrugada, muitas vezes porque o cliente no outro dia vinha buscar. A Mires não só costurava, também fazia tricô e crochê.

Eu nunca fiquei sem fazer nada, sempre me ocupei com alguma coisa. Mesmo tendo ingressado na Brigada Militar, eu continuei fazendo jornada dupla. Sabe teve um tempo em que eu era mais jovem e tinha uma junta de bois que só faltava falar, eu ia no mato e trazia a primeira carga de pilha de lenha, depois não precisava, eles faziam a volta e encostavam na pilha de lenha, ficavam esperando que eu terminasse de carregar a carroça. Era só dizer pronto, eles arrancavam a carroça e se enroscassem num toco eles sabiam como se desenroscar, eles torciam para um lado e saíam para o outro andando, saíam do mato e encostavam no lugar onde tinha de descarregar.

Quero falar quando começaram as primeiras favelas, em Passo Fundo

Foi no começo do ano 60. Começou lá na vila Bom Jesus, na época chamada de Brasília, justamente porque em Brasília se inaugurou a capital. E daí por diante, apareceu a tal Vila Sapo nos fundos do boqueirão e em seguida o famoso corredor da Santa Marta, que por muitas vezes foi retirado o pessoal, e posto nos bairros Jabuticabal e no 20 de Setembro.

No ano de 1972 começava um corredor na casa da Marlene na rua antes de nossa casa na Santa Marta até o CTG Tropel de Caudilhos. Tinha em torno de 25 famílias, eram quase todas vindas das granjas, e eu vim morar neste período, me lembro que amanhecia um trator com uma família, as costaneiras para fazer o rancho e o granjeiro dava como indenização, as costaneiras e uns trocados, era todas as semanas que acontecia estes flagrantes de despejos de famílias. As famílias estavam fazendo o inverso dos anos 50, que vendiam as pequenas propriedades, e iam trabalhar de diaristas nas granjas.

Foi neste período que começaram os primeiros assaltos, e foram perdendo a dignidade, foi se formando grupos de marginais, lembro que no corredor da Santa Marta tinha uma família que chamavam de Caporinhas, eram em 5 irmãos, todos marginais, todos foram mortos entre si e pela polícia.

Neste meio tempo só na Santa Marta foram mortos 21 jovens, isso foi no ano de 1976. Uns se mataram entre eles e outros pela polícia. As drogas já estavam presentes.

Penso que toda esta questão de êxodo rural, de favelas, de gente desocupada tem a ver com os crimes de hoje. Porque antes o homem, a mulher e os filhos se ocupavam com as tarefas, assim não haviam estas desgraças de hoje como roubo, assalto, traições, como os vícios de cigarro, drogas, bebida, crimes e tudo mais. Hoje em dia o povo anda

muito descontente e desconfiado, com muito medo de tudo, com isto o estresse nas pessoas tem motivo de sobra para tal.

Antes de 1960 as pessoas viviam uma vida com mais segurança, não tinha esta tensão que tem hoje, o povo trabalhava mais, se cansava menos, tudo era feito com muita responsabilidade.

Eu não sei aonde vai parar esta ansiedade de ter mais, de ser mais. Esquecem os valores da família, com isto vão fazendo coisas que só levam a desgraça, se vocês observarem o cemitério, as cadeias, estão cheias de jovens. Eu sinto estar escrevendo estas frases, mas é a realidade de hoje, porque antes do ano 60 a realidade era outra. No trânsito não morriam jovens e muito pouco adultos, eventualmente em alguma briga, hoje morrem mais jovens do que durante a Segunda Guerra Mundial.

Quero contar uma crise de saúde que eu tive num período

Eu estive muito mal, chegou um momento que os médicos da BM quiseram me aposentar, eu sempre lutando e querendo melhorar. Um dia o médico me desenganou, e disse, não tinha mais remédio para mim. Mas, mesmo assim, eu tinha fé que ficaria bom, tinha perto de casa uma senhora que se chamava Carminha, de fato ela era uma curandeira com ervas, muita fé e rezas.

Eu fui na casa dela, ela me convidou para rezar na frente dos santos que ela tinha mais fé, rezamos bastante e ela me disse que era para ir embora, que ela faria um remédio e mandaria pelo Bruno. De fato, de tarde ela mandou dois litros de remédio.

Eu tinha muita fé, tomei os litros de remédio em 15 dias. Ela me deu mais um e dentro de 4 meses eu fui no quartel e pedi que me deixassem tirar cabo de dia. O comandante só aceitou que eu fizesse expediente. Para se ter uma ideia, eu tinha me tratado com os melhores especialistas da BM, os médicos já tinham feito 32 endoscopias, tomando só de Benzetacil, e Maloc Flux, mais de 80 vidros sem sucesso, e com os xaropes da dona Carminha eu voltei ao trabalho. Um dia eu estava fazendo o expediente, o oficial de dia precisou de um PM e me perguntou se eu queria colaborar com a guarda do presídio, pois tinha adoecido um PM. Eu fui e só saí depois de 8 anos, no dia que eu me aposentei.

Eu quero fazer um grande agradecimento na memória da finada Carminha, que Deus te dê toda a recompensa que você merece, também estendida à família toda, porque se não fosse ela talvez eu não estivesse aqui escrevendo para vocês.

Fazíamos quase sempre jornada dupla, e principalmente na olaria, que as queimas de tijolos a gente começava de manhã, e terminava de madrugada sem parar. É que o fogo tem de estar por cima dos tijolos sem as labaredas estar aparecendo, a gente tem que botar a lenha nas bocas do forno. Essa jornada dupla refere-se praticamente à vida inteira: puxar lenha do mato de noite, lavar terra de noite, queimar

tijolos de noite, tirar reforço da BM de noite, cuidar bailes de noite, plantar milhos de noite com o luar, fazer lenha picada de noite para ter um troco para comprar as necessidades. Eu continuo trabalhando mais do normal, isto eu reconheço, mas eu acho que o trabalho não mata ninguém e sim engrandece a pessoa e dá dignidade.

História de um casal que era muito orgulhoso e muito pretensioso, as pessoas que eles tinham como vizinhos, ninguém prestava, eles viviam no mundo só deles e ninguém visitava o casal:

Um dia na hora do almoço apareceu uma visita não desejada. Era uma caveira e se pôs de pé na frente do dono da casa, e disse: “vim almoçar com vocês porque eu morri de fome, quero comer e estou com muita fome”, já pediu que servisse a mesa, a mulher trouxe a comida, ela serviu e começou a comer e a comida descia no meio dos ossos e ia parar no estomago da caveira e o homem estava parado e a caveira disse para ele comer, o homem foi se servir e a comida virava em bichos e ele não comia. A caveira disse por que você não come e o homem disse que a comida virava em bichos, é de orgulhoso que você é que a comida vira em bichos.

E a caveira comeu bem, pediu uma cama para tirar uma sesta, deitou-se na cama do casal. Fez uma boa sesteada, levantou-se e disse para o dono da casa que ele tinha de fazer uma viagem. Ele ficou apavorado. Foi falar para a mulher e disse o quê que eu faço agora.

E a mulher disse, não tem outro jeito, melhor você ir, ele se despediu da mulher e a caveira disse, já está pronto e ele disse que sim. A caveira disse para o homem fechar os olhos, e se pendurar no pescoço dela e começou a viagem, o homem só ouvia um zunido e muita água quente e água fria, espinhos e muitas pedradas. E a caveira disse, abra os olhos e ele abriu, ela disse: “o quê que você está vendo” e ele olhou e via muitos tratores lavrando e ia de um lado para o outro sem parar, e a caveira disse o que você está vendo, eu estou vendo muitos tratores indo com as plantadeiras indo de um lado para o outro sem parar.

E a caveira disse: “Sim, são aqueles homens que durante a semana vão fazer seus negócios e até passear e no domingo vão com o

trator na lavoura, eles têm sete anos de sentença de ir de um lado para o outro”. Mandou que o homem pendurasse no pescoço e seguiu viagem, de novo água quente, água fria, pedradas e espinhos e ela mandou que ele abrisse os olhos, ele abriu e viu um rio com muitas voltas, e muitas mulheres lavando roupa, esfregavam as mãos e gemiam de dor e ele perguntou por que as mulheres iam falar mal das comadres e da vida dos outros, e por isso elas tem sete anos de esfregar as mãos. E elas eram todas caveiras e saíam sangue das mãos de tanto esfregar, também os homens eram esqueletos que dirigiam o trator.

E já fazia uma porção de dias que eles estavam viajando. E a caveira disse para o homem, vamos voltar e o dono da casa já estava irreconhecível de tanta água quente, espinhos e pedradas. Já não tinha quase mais roupas no corpo.

E disse a caveira: “Se pendure no meu pescoço e feche os olhos.” E levantou voo e começou, água quente, pedradas, espinhos, e foi indo naquela penúria, e de repente parou e a caveira mandou que abrisse os olhos, e ele abriu e a caveira pediu, onde você está, e ele disse: “Estou na frente de minha casa.”

Exatamente, você está na tua casa. Chamou a sua mulher e ela veio e não reconheceu mais o seu próprio marido, ele estava tão magro e todo cheio de “dodóis” pelo corpo. Marido e mulher se abraçaram, e a caveira disse para eles, vocês ouviram falar do diabo, e eles responderam que sim. Pois eu sou o diabo, e mesmo sendo o diabo não gosto de pessoas como vocês, e sumiu.

Com isto o homem e a mulher combinaram de ser totalmente diferentes, e procuraram os vizinhos para serem bons amigos. Eles eram tão ruins que os vizinhos, quando gritavam bom dia vizinhos e convidavam para tomar chimarrão, os vizinhos faziam o seguinte comentário, eles de tão orgulhosos e pretensiosos até loucos ficaram?

E não lhes deram atenção.

Foi uma boa lição que o diabo deu a este casal. Se nós prestarmos atenção, tem muitos casais que precisavam ter uma lição como esta, para refletirem um pouco sobre a vida que levam.

Eu comprei uma área de terra na Vila Santa Marta e me mudei para mais perto do colégio. Com isto os filhos estudaram e se formaram. Eu e a Mires tivemos muito trabalho, com a mudança que a gente teve que fazer o dobro do trabalho, teve que desmanchar as casas e os galpões e mudá-los para nova terra que não tinha nada, eram um potreiro do Sr. Tomas Bier, com isto houve muito trabalho e eu tinha mais tempo para a família só que tinha que cumprir o trabalho na B.M., eu tinha um dia inteiro na brigada, e o outro para mim, com isto nós nos organizamos melhor, sobrava algum tempinho para fazer algum veraneio, no camping, nas águas termais e também conhecer alguns lugares.

Os filhos começaram a trabalhar nas firmas da cidade como mercados e até na Brahma, e as meninas foram se formando e assumindo tarefas na comunidade e também no comércio, assim a gente crescia junto com os filhos. E a comunidade de São João Bosco, nem por isso nós abandonamos a agricultura. A Mires com as crianças cuidava da terra e plantava, eu comprei 5 vacas de leite e a gente vendia leite na vila, a piizada levava cada um, um tarro de 5 e de 10 litros de leite, antes de irem para o colégio eles entregavam o leite. E nas folgas da B.M. eu também ajudava. Assim a gente foi levando a vida.

Eu falando com o Sr. Lorenzoni, presidente do sindicato, ele me falou: “-Tu está bem na brigada, está amparado no I.P.E. tu não precisa mais pagar as mensalidades.” Era no ano de 69 e eu assim fiz, a partir de 1969 deixei de ser sócio do sindicato, e mesmo assim sempre que podia ia ao sindicato bater um papo com a turma. Na comunidade da Santa Marta procurei me associar, e em seguida eu e a Mires fomos assumindo logo as tarefas da comunidade.

Uma comunidade que eu também ajudei a construir foi no início dos anos 60, eu era da diretoria de Nossa Senhora da Paz, com a mesma fomos convidados para fazer a primeira festa. Nós entramos em contato com o pessoal de Santa Marta, fizemos uma reunião com os demais

responsáveis, mas como as tarefas que tinham que ser feitas para fazer uma festa religiosa, comprar a res, lista de coisas que uma festa necessita bebidas, pães, cucas, brindes para jogar como rifas, cavalinhos ou roleta. Marcar o lugar para a tal festa e foi acertado que no potreiro do Sr. Pedro Luizeto era um lugar ótimo, por ter muita sombra e a festa foi marcada.

Por nós já termos experiência de comunidade, eu lembro que nós trabalhamos na véspera da festa e no dia da mesma. Lembro que as famílias que ajudaram na festa era a família Granvile, Rainer, Sr. Veli, Cassiano, Sr. Luizeto, proprietário do manto atrás da CEEE, aonde foi feita a festa, lembro que a festa deu lucro de dois contos e duzentos mil reais. Com este dinheiro foi construída a primeira capela de madeira na Santa Marta.

Daí um tempo, sendo membros da mesma, também fui escolhido 3 vezes e empossado na diretoria, a Mires assumiu tarefas de Socrebe em diversas frentes, clube das mães, grupo de idosos, corte e costura, crochê, entre outros.

A Clarete também deu sua contribuição na creche. Ela e o Claudir também coordenavam o trabalho com a juventude. A Cleomar trabalhou um tempão na Socrebe. E a Clarizete já trabalhava na APAE.

Com a minha aposentadoria, eu tive mais tempo para a minha família, agora com os filhos casados, e com os netos a gente formou uma linda família, valeu a pena ter trabalhado, e acreditar que um dia a gente tivesse esta família, juntos se completam, com muito trabalho e muita fé em Deus.

Nós construímos uma família com muitos valores. Juntos somos capazes de vencer barreiras e enfrentar qualquer problema do destino que venha a acontecer, digo mais que a gente já enfrentou tempestade na vida, mas não houve desespero, tudo foi tendo seu tempo, e a continuidade do destino da meta assumida lá no ano de 1956 na presença de Deus e dos nossos pais, irmãos, foi uma caminhada a dois, com trabalho e muita fé.

Quero falar mais um pouco da comunidade Santa Marta

Já falei que tinha feito à primeira festa, no ano de 1960, e no ano de 1972 nos mudamos na comunidade, agora como membro e sócio da mesma, com o tempo trabalhando na comunidade tivemos a oportunidade de construir uma pequena comunidade, na vila 20 de Setembro, foi na década de 80, que com um grupo de pessoas orientadas pela Ir. Guiomar. A gente começou rezando a missa, embaixo de uma árvore, na Rua Gramado, ao lado da casa do Sr. Elpidio, tinha um terreno que a Ir. Guiomar tinha conseguido. E com isto um grupo começou a se reunir, eu e a Mires também fizemos parte do grupo. Nesse período as mulheres Rurais também conseguiram se aposentar, como a Mires tinha trabalhado na Roça toda, aos 55 anos ela conseguiu aposentadoria como trabalhadora rural. Aí a coisa ficou mais fácil, ela com o dinheirinho todo mês na mão ficou mais autônoma e mais feliz.

Reunimo-nos várias vezes em oração, e a missa debaixo de uma árvore que tinha no terreno. Lembro-me que numa daquelas primeiras missas foi o Padre Plínio e fez uma linda celebração. Nós preocupados com a construção do salão, ele disse durante sua homilia que a verdadeira igreja era a comunidade presente nas celebrações, ele disse que aquela igreja falava era sem portas e nem tinha janela, era a verdadeira igreja de Deus.

Ficamos muito animados, em pouco tempo a gente fez uma festa, deu um bom lucro, com isto, a gente deu início ao salão comunitário, eu e a Mires éramos sócios na comunidade de São João Bosco. E o tempo foi passando e o salão da 20 de Setembro ia sendo construído. Lembro-me que no Bom Recreio, nos fundos da Santa Marta, tinha um grupo de famílias que queria iniciar um grupo.

Lembro que eu e a Mires pedimos para o grupo de pessoas da 20 de Setembro que nos desse licença de nos afastar da comunidade para se juntar com o grupo do Bom Recreio. Começamos uma nova caminhada. Passou o tempo, o grupo se encontrava na casa de um do grupo, e até missa com batizado acontecia, mas não havia dinheiro. Eu

pensei tinha uns terrenos na rua Tenente Portela, e eu fui falar com a dona Célia, que era dona dos mesmos, e propus um negócio, eu dava uma carroça trelada com animal, tudo no valor de R\$ 280.000 e mais R\$800 em dinheiro. Ela topou e daí reuniu o grupo e anunciei a compra, disseram que daria a metade do terreno para construir o pavilhão, alguns do grupo se manifestaram, com a seguinte frase: “O Clarindo comprou com interesse, sendo que eu não pedi um centavo para ninguém”. Fiquei chateado, quem doa a metade doa tudo e assim procede, fomos no cartório com a dona do terreno e doamos para a Mitra diocesana de Passo Fundo.

O grupo queria uma igreja, meu filho Luiz Alberto, transferido para Porto Alegre, doou a casa para a comunidade e agora o que fazer, pediu que o grupo me ajudasse a desmanchar a mesma, sabe que me tocou de começar. Uns não tinham tempo, outros trabalhavam, e eu aos poucos tirei os tijolos, fui tirando e amontoando e em um mês tirei todos os tijolos. Veio umas pessoas tirar a madeira de cima, e carregar no caminhão.

Com o Sr. Júlio e o Sr. Volnei Pollo, eventualmente as pessoas ajudavam um pouco, e assim construímos o tal pavilhão que até hoje serve para se reunir e rezar missa, a catequese das crianças e até aula teve no salão.

Eu e a Mires dissemos para o padre que a gente não queria assumir a direção da mesma, porque podia até se pensar que eu doe o terreno e o filho a casa, que com isto a gente ficaria com a impressão que fosse dono. Tomamos uma decisão eu e a Mires que o barco estava andando, que outro remador teria de assumir, assim procedi, disse para o padre e para o Ir. Paulo que nós iríamos nos retirar e assumir a comunidade que nós éramos sócios S. João Bosco.

Em seguida fui eleito vice-presidente da comunidade, fiquei por 2 anos. Agora a gente continua participando da mesma com nossa presença nas celebrações. A Mires participa da equipe de ministras da comunidade, além de ajudar nas missas, visita e leva a comunhão para os doentes.

A gente continua no grupo do DATI, para as pessoas da terceira idade, nos construímos a sede na Santa Marta para facilitar as pessoas a participação e num período de 2 anos fui presidente.

Atualmente estamos fazendo um pouco de turismo, visitando parentes e amigos, lugares turísticos para os espaços da vida que Deus nos deu, que é muito boa e nós temos de aproveitar o máximo que podemos, porque o tempo está passando depressa.

Nós sempre participávamos das excursões que tem no DATI, e não são poucas. Nós íamos à praia com o grupo, festas programadas pelo DATI e muitos bailes. Os bailes começavam às 14h e terminavam às 18h. É muito bom porque a gente se encontra com os velhos amigos, se recorda do tempo de jovem, como é bom recordar o passado e lembrar as coisas boas daquele tempo, tudo era alegria, não havia maldade nas brincadeiras.

Comprei terras da família Bier, por falar da família Bier, quero fazer um agradecimento na pessoa de a Sra. Ondina (*in memória*), desde o tempo que a gente migrou de Sertão para a comunidade de Nossa Senhora da Paz fomos muito bem recebidos por esta família, dona Ondina era parteira das boas, logo nós precisamos de sua sabedoria, era chegar a casa dela e falar e ela já estava se arrumando. Então os nossos agradecimentos à dona Ondina Bier e família, ela colocou a maioria dos nossos filhos no mundo.

Nessa época tínhamos 5 filhos e adotamos mais um.

Ele tinha 14 meses, ele casou constituiu sua família e nos deixou em 2010. E não era fácil, mas com a união de todos nós vamos levando a vida em família e também na comunidade. Eu me lembro de quando as irmãs Franciscanas vieram para Santa Marta e elas eram três: Guiomar, Ilda e Cristina. Elas moravam um tempo na sacristia da igreja de madeira, que era coberta de tabuinhas de pinheiro. Eram tão ruins que chovia como lá fora, isso foi lá pelos anos 70, ano que começaram a creche e logo a Socrebe, nós fomos nos afastando da comunidade, porque nós chegamos junto das irmãs e criamos os filhos e vemos com alegria os filhos todos casados e bem de vida. Eu e a Mires estamos realizados com

isto, eu fiz curso de cabo e me formei no ano 90, e em seguida pedi aposentadoria, daí ficou bem melhor para dar atenção para a família.

A Clarete casou-se com Lino de David e tiveram um casal de filhos, Marcos e Caroline. O Claudir casou-se com Nelsa Fabian e tiveram dois filhos, Gabriela e Tiago. A Clarizete casou-se com Jorge Cerbaro e tiveram um filho, Maicon. O Luiz Alberto casou-se com Cínara Boeira e tiveram dois filhos, Rafael e Priscila. E a Cleomar casou-se com Vilson de Paula e tiveram três filhos, Natalia, Manoela e Leonardo, Juliano teve duas filhas, Jeniffer e Karolyne.

Eu e a Mires resolvemos casar de novo, celebramos primeiro as bodas de prata. Mas no dia 26 de julho de 2006, as Bodas de Ouro. Foi muito importante para nós, os nossos filhos patrocinaram uma grande festa, para nós foi o melhor dia de nossas vidas, com a família e com os amigos no CTG Tropel de Caudilhos. Foi um dia para não esquecer na vida! A festa foi feita com sucesso e muita alegria. Eu e Mires ficamos muito agradecidos, nossos filhos por tudo que fizeram para que esta festa fosse grande e boa. Eu e a Mires ganhamos muitos elogios pela festa e organização. Eles nos deram esta festa e também não permitiram que nós tivéssemos nenhuma preocupação com a mesma, tudo foi surpresa patrocinada por eles.

Eu e a Mires pedimos ao nosso bom Deus que abençoe cada um e sua família, os netos e as netas muito obrigado, que Deus abençoe cada um, muito obrigado a todos.

Nas idas e vindas da vida. Iniciamos nossas viagens, primeiro a São Paulo quando o Claudir era liberado da JOC. Foi muito bonita a experiência de andar de metrô e também a organização deste movimento. Recebemos convite da Juventude da região e fomos conhecer a praia de Santos. Quando o Luiz Alberto foi morar em Cuibá, fizemos nossa primeira viagem de avião, foi muito bom, nós nunca tínhamos andado de avião. A gente também fez muitos outros passeios, principalmente na praia de Santa Catarina com a Clarizete e com a Clarete. Mas o que mais marcou fundo foi aquele a que nós viajamos junto com Clarizete e o Jorge, que nos convidaram para essa viagem no

exterior. Conhecer a Terra Santa. Só que eu disse que no momento não estava preparado financeiramente. Eles nos emprestaram o dinheiro e fomos.

No dia 9 de novembro, após o esclarecimento de muitas dúvidas sobre a viagem que faríamos para a Itália, Israel e Portugal, através de reuniões e trocas de informações decidimos enfrentar um grande desafio em nossas vidas, ir ao estrangeiro conhecer outros países, outras culturas, enfim, outro mundo bem diferente daquele em que nascemos nos criamos e pensávamos ser único mundo possível.

Também ia conosco minha irmã Mercedes e meu cunhado, que na véspera da viagem foi assaltado na frente de sua casa, ferido não pode se recuperar a tempo de viajar. Com isso eu e a Mires ficamos sem saber o que fazer se íamos ou não, aí eu fui ao hospital e falei com o médico que estava atendendo o Elói, e ele me disse que não tinha risco de vida. Daí começamos o preparativo para a viagem, a gente tinha muita dúvida sobre o acidente e também a viagem, a gente contava os dias e as horas e no fim também os minutos de se viver, após todos os trâmites legais como o passaporte, os bilhetes de viagem especial a Porto Alegre, enfrentando uma realidade conhecida somente pelos nossos estudos e informação.

A expectativa era grande naquela manhã do dia 9 de novembro, domingo, quando embarcamos às 3h da manhã, embarcamos no ônibus especial Unesul, saindo de Passo Fundo a Porto Alegre ao aeroporto Salgado Filho. Ali encontramos mais alguns peregrinos que integrariam nosso grupo, pois eram moradores de Novo Hamburgo, Garibaldi, Porto Alegre e Santo Ângelo. E assim aconteceu, a viagem de ônibus foi tranquila, o tempo agradável e o trânsito fluíram sem transtornos.

Ao chegarmos ao aeroporto, o grupo foi recebido pelos agentes da empresa de turismo de Porto Alegre. No horário marcado embarcamos no avião para um voo previsto para voar 1:35 ao aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. Houve muita turbulência devido à neblina e o tempo encoberto. Ao meio dia já no aeroporto de Guarulhos retiramos as malas e nos dirigimos ao balcão da Alitalia para fazer novamente o check-in,

com destino a Roma, na Itália. Aguardando o momento para a chamada do voo AZ 675, da Alitalia, no Boeing 777-200 com o tempo de viagem previsto 10h50min.

Expectativas e emoção da viagem

Conhecer a história de vida e fé e espiritualidade de 2000 anos e que a comunidade católica, a catequese e a vida de família nos ensinou. Chamou a minha atenção de modo especial a “Gruta” onde Jesus Cristo ensinou o Pai Nosso aos apóstolos. A cada momento que falo e ou em cada celebração revivo a experiência deste momento lindo e partilho este aprendizado com a minha comunidade religiosa, da terceira idade, nos encontros com os filhos, parentes, amigos e religiosos que não tiveram a oportunidade de viver essa experiência. Emociona a mim e a Mires, ainda hoje lembrar a renovação de nossas bodas. Ela chora ainda hoje quando lembra que colocou a mão sobre o buraco onde esteve a cruz da crucificação de Jesus.

Tivemos algumas situações, vocês podem imaginar 33 pessoas em idade que variava de 76 a 80 anos, alguns sempre se desgarravam do grupo. A guia inexperiente com pessoas da terceira idade estava mais preocupada em cumprir os horários. Eu e Mires ficávamos para traz e ajuda as vovós que arrastavam malas, pois queriam levar lembrancinhas para os filhos, netos e amigos. “nós viajamos uns 20 mil quilômetros de avião e uns 12 quilômetros a pé, mas ninguém reclamava do cansaço. Ouvia alguns comentários chô comadre amanhã vamos retornar”.

O momento mais tenso da viagem foi à travessia da faixa de gaza. Houve troca de guias, pois judeus não permitiam guias Árabes, assim como os Árabes não permitiam a entrada de Judeus. O meu sexto sentido, de militar da brigada, pressentia e percebi alguns movimentos e policiais armados em locais estranhos, como nos cemitérios. Quando chegamos em Fátima para nossa tristeza explodiu a guerra na faixa de gaza. Recebi ligações de amigos e de familiares aflitos, mesmo conhecendo o roteiro temiam por nossa segurança.

E assim terminou a longa viagem de um grande grupo que se propôs a passar junto esses dias, para alargar os horizontes do conhecimento, certamente será inesquecível, formaram-se novas amizades e aprofundaram-se outras.

Mas com toda certeza conhecemos mais a vida e a vida de amor de Jesus Cristo, em Israel, e sua igreja em Roma, o amor de Deus e de nossa Mãe Maria, em Fátima, trouxe uma visão diferente de nossa fé. O tempo de fato dirá o que assimilamos desta experiência e crescimento em nossas vidas.

Que nossa viagem deixe sempre viva a lembrança desta maravilhosa experiência da graça divina.

Dariam Madalena Scwam, Dolares Ross Sillas, Domingos Coreia, Celita Motter Cerbaló, Antônio Cerbaló, Saleth Mario Baldissera, Florencio Baldissera, Joao Ariovaldo Boeira, Jacinda da Rosa Boeira, Rudinei Senger, Pe. Aldino Aloisio Barth, Cecilia Blex, Marlie Rizzotto, Javelina Rizzotto, Jargo Cerbano e Clarizete Elena Cerbano. Clarindo e Carmelinda Miotto Nespolo, Rosmeire Mathus (guia), Dair Jurdes Sechi, Morretti, Pe. Adalibio Barlh, Carme Aimi Pivatto, Maria Marta Lupont Berrat, Nadir de Bortoli, Jane Bernadete Brondani, Jadis Éclais Subtil, Antoli Faeith Mello, Wilsom Rebequi, Clara Antominha Bresoline, Guilherme.

Sabe, nem tudo está perdido.

Hoje em dia também temos causas boas, hoje se tem a comunicação de primeiro mundo, também a saúde está melhor, mesmo que o INSS esteja deficiente é melhor do que antes, o meio de transporte é melhor, a agricultura é melhor, os meios de vida são melhores. Só que o povo não está satisfeito com o que têm. Eu acho que o homem é que não está bem, se o homem valorizasse mais o ser e não o ter sempre mais, o mundo mudara para melhor.

É só tirar o pé um pouco do acelerador, refletir um pouco mais as coisas boas que recebemos de graça de Deus.

“Uma vez era ruim, mas era bom”.

“Hoje em dia é bom, mas é ruim.”

Quero aqui afirmar isto que eu escrevi a respeito do Sindicato. É a mais pura realidade, escrevo pensando nos companheiros que já

partiram, e se aqui eles estivessem, com certeza diriam a mesma coisa. Como eu só tinha 24 anos na época, ainda estou aqui.

Mas foi pensando no nosso grande animador, Irmão Maximo Urbano e nos nomes daqueles companheiros que mencionei no decorrer da história que peguei a caneta pra dizer que não foi fácil criar o primeiro Sindicato dos pequenos agricultores do Rio Grande do Sul, e do Brasil. Começar do nada e com muitas dúvidas, e incertezas. É uma pena que não tenha em mãos, documentos que comprove a data da criação do mesmo.

Nesta época o colono não tinha voz nem vez, porque tudo que seus antepassados fizeram de agroindústrias, como moinhos, soque de erva mate, descascador de arroz, alambiques e outros. O governo da época mandou fechar, e multar o colono não tinha direito a saúde e nem a aposentadoria.

Pela exploração dos preços dos produtos dos pequenos também pelos que a gente comprava tudo passava nas Mãos do atravessador, e isto fez nós, um grupo de pequenos agricultores, levantar a bunda da cadeira, deixar a mulher e os filhos em casa, assumir esta tarefa sem receber um centavo, e aguentar ainda alguma critica de algumas pessoas menos informadas.

Sabe que nós tínhamos muitas dificuldades, porque nós tínhamos que descobrir uma proposta que fosse aceita pelo governo e que satisfizesse os pequenos agricultores. Não foi fácil construir uma proposta tão importante, como um sindicato que amparasse seus associados. Tudo que aconteceu até esta data eu afirmo com certeza, aconteceu!

Já relatei o que aconteceu no Sindicato por dentro após sua criação, comprei uma olaria e não tive mais tempo para o sindicato. Só o 1º ano eu cobrava anuidade dos companheiros da minha comunidade, depois passei ao Sr. Ermenegildo essa tarefa.

Sabe, eu tenho conversado com alguns associados do sindicato e pergunto se sabem como ele foi criado? Quando conto a história, respondem que não sabiam de nada. Para mim, isto é uma grande

tristeza, sabendo que um grupo de pequenos agricultores, dentre eles eu, construiu essa proposta, que se tornou um instrumento que trouxe muitos benefícios para todos os pequenos agricultores do nosso Brasil.

Com isso os agricultores tiveram os seus direitos reconhecidos com o passar do tempo. Eu fico feliz que minha mulher conseguiu se aposentar como trabalhadora rural. Isto foi recompensa pelas noites que ficava só com as crianças, enquanto eu ia às reuniões de articulação do sindicato, com os companheiros.

Mensagem dos Netos (as)

Uma vida marcada por desafios, um caminho trilhado com muito trabalho, fé, amor e perspectivas de um mundo melhor.

Estas memórias trazem consigo a capacidade de transmitir uma história de luta que mesmo depois de 70, 60, 50 anos, contém inúmeros detalhes e é repleta de emoções vividas nos tempos passados.

Somos doze primos, frutos de famílias formadas por seis irmãos, portanto nossos encontros sempre foram grandes, com muitas alegrias, união e desafios.

Prosear, cevar um mate às 6h30 da manhã no primeiro dia do ano, ouvir as histórias, experiências e até os sonhos dos nonos fará sempre parte da nossa vida.

Fomos privilegiados por nascer e crescer em nossa família! Ser fruto dessas muitas vidas e histórias de nossos nonos e pais é um grande orgulho, e a certeza de seguir plantando e colhendo frutos de um futuro melhor.

O nono e a nona nos transmitem a vida pelo olhar!

Estas memórias inspiram cada um de nós.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



"Nascido em Sertão/RS em 1935. Filho de Luiz David Nespolo e Rosalina Frandoloso Nespolo. Agricultor, policial militar, agora aposentado. Iniciante na arte de escrever e como contador de história nos entrega a "história" de sua vida neste O que vi, senti e aprendi.

Quero aqui contar um pouco sobre a minha vida. Lembro que era um tempo bem diferente. Tudo estava começando....

Eu lembro que era lá em Caixa D'água, interior de Getúlio Vargas, um distrito chamado de Canhada Funda. Lá tínhamos diversos vizinhos: os Lombardi, o Pedro Tamanho, Marvile Brustolim e, mais para o fundo das terras do meu pai, tinha um alemão chamado Sr. Renato.

Com o tempo começamos a prender um pouco de tudo... de vagar, tudo para nós era novidade.

Lembro ainda dos primeiros brinquedos: revolvinho de madeira, bois e cavalinhos de sabugo (do milho).

